

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

Johanna Coelho von Mühlen

**Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de
feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo**

Site Terra

Porto Alegre

2009

Johanna Coelho von Mühlen

**Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de
feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo
Site Terra**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência do Movimento Humano.

Orientadora: Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre

2009

DEDICATÓRIA

Ao meu filhote Arthur, pela parceria.

Ver a cada dia a pessoa que ele está se tornando me faz ter
certeza que o coração é o nosso melhor guia. Te amo!

AGRADECIMENTOS

De maneira geral, agradeço a todos que me incentivaram nesse importante momento, nessa importante conquista.

Em especial à minha mãe, pela ajuda, pelo apoio e pela amizade.

Aos amigos do coração. Aos de perto pelo carinho e aos de longe pela certeza da amizade mesmo com a distância. Todos sabem que são pessoas caras e raras para mim.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa (GRECCO) pela parceria acadêmica nesses e em outros momentos.

À Silvana, minha orientadora e amiga, pelos já oito anos de trabalho juntas, pelas oportunidades e pela confiança.

E, por último, à ESEF/UFRGS, minha morada acadêmica há nove anos.

RESUMO

Ancorada na perspectiva pós-estruturalista, mais especificamente nos Estudos de Gênero e nos Estudos Culturais, é que realizo essa dissertação que tem como temas: esporte, gênero e mídia. Entendendo a mídia como uma pedagogia cultural, escolho o Site Terra como artefato midiático privilegiado para essa pesquisa que tem como objetivo: analisar as representações de gênero para homens e mulheres atletas, nos textos e imagens midiáticos disponibilizados pelo Site, durante a realização dos Jogos Olímpicos de Pequim/2008. Baseada nos/as autores/as que operam com a terminologia gênero enquanto categoria de análise relacional, temos que as masculinidades e as feminilidades são produzidas e reproduzidas em diferentes espaços, culturas e tempos. O esporte como um campo generificado também apresenta homens e mulheres atletas de diferentes maneiras e com isso, produz e reproduz masculinidades e feminilidades possíveis de serem representadas. Analisei as fotos e reportagens do Site Terra utilizando a análise de discurso como ferramenta metodológica, pois a mesma dialoga com o aporte teórico proposto para esse trabalho. Ao longo dos dezessete dias do Jogos Olímpicos o Site Terra disponibilizou textos e imagens que exaltam as qualidades ditas próprias dos atletas de elite contemporâneos: superação, força, conquista e outros. Mas algumas representações escapavam a essa e nos davam indícios de como o Site Terra fazia diferenciações entre atletas homens e mulheres baseado em masculinidades e feminilidades hegemônicas. Maternidade/paternidade, os corpos visibilizados de maneiras diferentes, o choro dos/as atletas, a beleza dos musos e musas dos Jogos são pontos que serão analisados. Por fim, encerro o “jogo de gênero”, proposto pelas representações divulgadas pelo Site Terra, apontando que dar visibilidade as inúmeras formas de se representar os/as atletas, sem atrelar suas características atléticas enquanto mais próprias a homens ou mulheres é ampliar as possibilidades de ser atleta na sociedade contemporânea.

ABSTRACT

Based on a “post-structuralism” perspective, more specific on Gender Studies and Cultural Studies, I fulfill this research that has as its subjects: sport, gender and media. Understanding media as a cultural pedagogy, I chose Terra’s website as a privileged “mediatic” resource to this research. It has as purpose: analyze the gender representation to men athletes and women athletes, in texts and “mediatic” images available on the website, during the Beijing 2008 Olympic Games. Grounded on authors that use the term gender as a category of relational analysis, we notice that masculine and feminine characteristics are produced and reproduced on different spaces, cultures and times. Sport as a gendered area, represent men athletes and women athletes on different ways as well, therefore produce and reproduce masculine and feminine characteristics possible to be represented (symbolized). I analyzed pictures and articles from Terra’s website using speech analysis as a methodical tool, since it self dialogue with theoretical basis suggested to this study. During the seventeen days of Olympic Games, Terra’s website let web users to access texts and images praising abilities common related to modern elite athletes: overcoming, strength, conquest and others. But some representations use to escape from this and give us signs about how Terra’s website make difference between men athletes and women athletes based on masteries masculine and feminine characteristics: maternity/paternity, bodies view from different ways, athletes crying and their beauty are points to be analyzed. At last, I finish the ‘gender game”, proposed by the spread representations on Terra’s website, pointing that giving more attention to countless ways to represent the athletes, non relating to their physical characteristics while more specific to men or women is extend the possibilities to be an athlete in present-day society.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 -	Exemplo de disponibilização de Fotos – Site Terra – Link “Fotos”	43
FIGURA 2 -	Montagem de fotos disponibilizadas no site Terra.....	53
FIGURA 3 -	Brasil deixou ouro com EUA na final	64
FIGURA 4 -	Atletas alemãs tiram a roupa para Playboy	69
FIGURA 5 -	Jogadoras de vôlei roubam a cena	71
FIGURA 6 -	Com derrota, Edinanci perde o bronze	73
FIGURA 7 -	Ketleyn Quadros ganha primeiro bronze no Brasil	73
FIGURA 8 -	Brasil é país do choro olímpico I	76
FIGURA 9 -	Brasil é país do choro olímpico II	77
FIGURA 10 -	Rússia derrota China e fica com o bronze	78
FIGURA 11 -	Francês chora ao perder luta e ganhar bronze	81
FIGURA 12 -	Superatletas entram em ação em Pequim	84
FIGURA 13 -	Confira uma seleção especial de musas I	89
FIGURA 14 -	Confira uma seleção especial de musas II	90
FIGURA 15 -	Confira uma seleção especial de musas III	91
FIGURA 16 -	Conheça os musos dos Jogos de Pequim I	92

FIGURA 17 -	Conheça os musos dos Jogos de Pequim II	93
FIGURA 18 -	Holandesas levam ouro no pólo aquático	94
FIGURA 19 -	Musa brasileira estréia no atletismo I	96
FIGURA 20 -	Musa brasileira estréia no atletismo II	96
FIGURA 21	EUA ganham ouro nos 4x100 medley	98
FIGURA 22	Duplas enfrentam forte dia de treinamento	99
FIGURA 23	Walsh/May leva ouro no vôlei de praia	100
FIGURA 24	Ricardo/Emanuel mantém 100%	101
FIGURA 25	Brasil dá show e se vinga da Alemanha no futebol	105
FIGURA 26	Phelps pulveriza recordes e brasileiro é ouro	106
FIGURA 27	Charge de Sinovaldo	108
FIGURA 28	Holanda elimina Leonas no hóquei sobre a grama	110
FIGURA 29	Confira as fotos do vôlei de praia feminino	112
FIGURA 30	Jogadoras de vôlei roubam a cena	114
FIGURA 31	Brasil deixou ouro com EUA na final	115

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	APROXIMAÇÕES TEÓRICAS	16
2.1	A MÍDIA COMO PEDAGOGIA	19
2.2	ESTUDOS DE GÊNERO	27
2.3	JOGOS OLÍMPICOS MODERNOS: FRAGMENTOS HISTÓRICOS DA PARTICIPAÇÃO DE HOMENS E MULHERES ATLETAS	32
3	DECISÕES METODOLÓGICAS	39
4	OS “FERAS” E AS “BELAS”: MASCULINIDADES E FEMINILIDADES EM EXIBIÇÃO	56
5	MUSOS E MUSAS: A BELEZA “ROUBA A CENA”.....	86
6	JOGOS DE GÊNERO EM PEQUIM 2008	118
	REFERÊNCIAS	125
	APÊNDICE A – CD Catalogação de dados Site Terra	133

1 INTRODUÇÃO

Meu interesse pela área da Educação Física surgiu de meu passado como atleta de alto rendimento da modalidade esportiva de Ginástica Rítmica. Durante bons anos, convivi com cobranças, regras e limitações inerentes a um treinamento que visa a *performance*. E, até então, essa era a maneira como eu enxergava o esporte: atletas dentro de um ginásio buscando a melhora nos gestos esportivos. Durante minha trajetória acadêmica tive oportunidade de ser bolsista do PET (Programa de Educação Tutorial) durante o período correspondente à graduação em Licenciatura Plena em Educação Física (Escola de Educação Física/Universidade Federal do Rio Grande do Sul – ESEF/UFRGS). Nesse espaço tive as primeiras aproximações com as temáticas que relacionavam os esportes e suas representações.

Após a conclusão da graduação enxergo outros momentos que considero importantes para a “construção pessoal” do meu interesse para essa dissertação. Listo aqui dois: o trabalho como bolsista de apoio técnico do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa) junto ao CEME (Centro de Memória do Esporte) e a Especialização em Pedagogias do Corpo e da Saúde (ESEF/UFRGS). O primeiro por me possibilitar, paralelo ao trabalho como bolsista, a participação no GRECCO¹ (Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo) onde pude aprofundar conhecimentos sobre temáticas como corpo e gênero. Já a Especialização proporcionou o contato com professores de outras áreas – Educação, Arte por exemplo – onde pude ter acesso à perspectivas de pesquisa, tanto teóricas quanto metodológicas, pouco exploradas no currículo da graduação, abrindo, assim, um leque de possibilidades para a construção de um objeto/objetivo de investigação que me levasse a produzir uma dissertação.

¹ Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo (<http://www.esef.ufrgs.br/ceme/grecco>), coordenado pelos professores Alex Branco Fraga e Silvana Vilodre Goelner (ESEF/UFRGS).

Essas experiências, e outras tantas “não formais” fizeram com que meu olhar sobre os esportes se multiplicasse, passando a buscar uma compreensão dos significados de diversas formas e maneiras de enxergarmos/praticarmos o esporte e as inúmeras representações que dele emergem, principalmente nos meios midiáticos. Buscando suporte teórico para investigações nessa perspectiva, ancorei-me nos Estudos Culturais (EC), que entendem a mídia – em suas diferentes maneiras de apresentação – como uma forma de pedagogia cultural, revelando, representando, ensinando maneiras de se ver e pensar o esporte, e outras tantas manifestações da cultura humana. Minha aproximação com esse tema me fez passar a analisar diferentes formas midiáticas (jornais, televisão, internet) e, em especial, o espaço destinado à veiculação de notícias esportivas. De imediato, chamou-me atenção o alarde que foi feito sobre a realização dos Jogos Pan-americanos no Rio de Janeiro, realizado em julho de 2007. Vários aspectos do evento foram abordados: estrutura, financiamento, organização, os atletas brasileiros, os estrangeiros, etc.

Paralelo a essas “observações” continuava minha participação no GRECCO e os assuntos que estavam em pauta nas reuniões de estudo eram gênero e esporte. Deparei-me com dois artigos² em especial que faziam essa relação entre a mídia e os esportes, cada qual com suas particularidades. A pesquisa e análise desses temas me pareceram como algo a ser mais dissecado, mais aprofundado.

Inspirada pela grande quantidade de espaço dedicado à realização do Pan-americano na mídia em geral e nas leituras realizadas junto ao grupo de estudos, realizei, num primeiro momento, uma pesquisa tendo como material empírico os

² GOELLNER, Silvana Vilodre. *Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura fitness*. Texto apresentado em mesa-redonda do Seminário: Feminismos: epistemologias e história, realizado em novembro de 2006, na Faculdade de Educação/UFRGS.

ROMERO, Elaine. *E agora, vão fotografar o quê? As mulheres no esporte de alto rendimento e a mídia esportiva*. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys8/perspectivas/elaine.htm>> Acesso em 29 de mai. 2007.

encartes sobre os Jogos Pan-americanos veiculados pelo Jornal Zero Hora, durante a realização dos mesmos³.

Para essa dissertação, amplio essa primeira pesquisa realizada, buscando multiplicar a discussão acerca dos temas: esporte, gênero e mídia. O período escolhido é o que compreende a realização dos Jogos Olímpicos de 2008. Especificamente, o objetivo é analisar as representações de gênero para homens e mulheres atletas que circularam em textos e imagens de determinado artefato midiático – Site Terra. Entendendo o esporte como algo que “nos educa” e também como um importante meio de socialização, justifico aqui a importância de analisar que espaços (e que tipo de espaços) a mídia confere a mulheres e homens atletas, suas masculinidades e feminilidades, sabendo que questões como estas atravessam nossa prática pedagógica nos ginásios, pátios e salas de aula, criando e recriando influências sobre como percebemos as diferentes modalidades esportivas e os/as atletas que delas participam.

Dar visibilidade para essa pluralidade de representações possíveis é tarefa que me proponho a fazer nessa dissertação. Se a mídia produz discursos hegemônicos, penso que devemos nos valer deles para tornar visível outros espaços de pedagogia, outras possibilidades de se pensar. Pois a mídia não só produz, ela também reproduz discursos que circulam na sociedade. Em uma via de duas mãos, desequilibrar nas práticas escolares de Educação Física essas representações naturalizadas para a mídia é produzir para que a mídia passe a reproduzi-las.

³ Trabalho intitulado: Pan-americano rio 2007 - análise dos discursos sobre gênero e sexualidade produzidos pela mídia esportiva. Disponível em: <http://www2.ufrgs.br/XIIPALOPS/relatorio_trabalhos_aceitos_convertido.html>

Para tanto é necessário, de antemão, rejeitar os rótulos que aprisionam, engessam e fixam os corpos enredando-os em representações que os nomeiam de feio ou bonito, apto ou inapto, o certo ou o errado, o normal ou o desviante, masculino ou feminino. Precisamos nos dar conta que práticas como essas reforçam discriminações exclusões ao invés de ampliar as possibilidades de intervenção junto aos sujeitos e a educação de seus corpos, sensibilidades e aparências (GOEELNER, FIGUEIRA, JAEGER, 2008, p. 68)

As autoras aqui estão pensando sobre o espaço da educação física escolar, quero pensar que a mídia atravessa esse espaço e por isso é importante no papel dessas representações, especialmente aqui, de masculinidades e feminilidades esportivas. Dar visibilidade aos atletas que borram as fronteiras hegemônicas das representações de gênero é uma tarefa do/a educador/a, e aqui, me incluo, pensando que ampliar as possibilidades de “caricaturar” homens e mulheres atletas é alargar as maneiras que fomos educados/as a produzir e reproduzir esses personagens. Eles/elas que, nos tempos atuais, ganham espaços em diferentes e modernos artefatos culturais.

Produzindo uma visão mais crítica do que nos é apresentado como “verdade” pelos meios de comunicação, passamos a dar espaço à pluralidade de possíveis representações de gênero para os/as atletas contemporâneos. Colocar como pergunta o que nos é passado como uma simples afirmação e, também, pensar no que não nos é apresentado, no que é silenciado, no que não é dito, escrito, divulgado, são dois “exercícios” que nos permitem multiplicar as formas de ser atleta homem ou mulher na sociedade atual.

Ressalto aqui que, na literatura, os estudos que encontramos sobre esporte e mídia, em sua maioria, são realizados por pesquisadores da área da Comunicação⁴.

⁴ Pesquisa realizada virtualmente no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior): Disponível em : <http://www.capes.gov.br/servicos/bancoteses.html>, Acesso em: 21 de mar. 2008, onde das 12 pesquisas mapeadas, 8 foram realizadas em Programas de Pós-Graduação na área da Comunicação.

Poucos são os trabalhos de pesquisa de professores de Educação Física buscando analisar possíveis relações entre os temas apresentados acima. Interessante aqui, visibilizar o “toque” que o profissional de Educação Física pode dar a essas investigações, pois possui conhecimentos técnicos dos esportes, na teoria e na prática. De outro lado, não possui aprofundamentos sobre a produção e articulação de textos midiáticos e, por isso, deve se valer dos materiais produzidos por outras áreas para dar conta dessa temática. Assim como professora de Educação Física, é esse o meu caminho e o meu olhar para esse trabalho.

Essa dissertação está estruturada em um primeiro capítulo de aproximações teóricas onde situo de onde falo para contextualizar os temas norteadores da discussão. Apresento três subtítulos, assim designados: A mídia como pedagogia; Estudos de Gênero e, por último, Jogos Olímpicos Modernos: fragmentos históricos da participação de homens e mulheres atletas. O capítulo que segue se refere às Decisões Metodológicas, onde descrevo a maneira e as ferramentas utilizadas para a construção dessa pesquisa.

As análises do material empírico estão nos Capítulos 4 e 5, assim nomeados respectivamente: Os “feras” e as “belas”: masculinidades e feminilidades em exibição e Musos e musas: a beleza “rouba a cena”. No Capítulo 6 intitulado “Jogos de Gênero em Pequim 2008” trago as considerações finais para essa dissertação.

Finalizo essa parte introdutória destacando que estudar, discutir e rediscutir as representações de gênero da mídia para os/as atletas contemporâneos se faz necessário em todos os âmbitos do ensino da Educação Física pois, como aponta Rosa Maria Bueno Fischer (2001): podemos “dizer que hoje praticamente todos os discursos sofrem uma mediação ou um reprocessamento através dos meios de comunicação” (p. 212). E a mídia, como qualquer outra instância cultural, é

genericada, ou seja, ela faz diferenciações, grosso modo, entre atletas homens e mulheres e isso é uma questão de gênero.

2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Contemporaneamente, o campo teórico dos Estudos Culturais (EC), tem fundamentado pesquisas de diferentes áreas do conhecimento, cujos trabalhos buscam investigar a partir de uma perspectiva de uma pesquisa que possibilita, grosso modo, atentar para as pluralidades dos fenômenos evitando análises binárias. Ao buscarmos subsídios do contexto em que surgem os *Cultural Studies* nossa visão se amplia e, a partir daí, podemos pensar os modos/maneiras que os EC nos permitem enxergar fenômenos atuais e, conseqüentemente, as perspectivas de pesquisa que podemos assumir a partir deles.

Marisa Vorraber Costa⁵ (2004) indica que, até os anos 50, os estudos sobre cultura eram baseados nas teorias de Mathew Arnold (1860) (que foram retomados por Frank Raymond Leavis (1930)). Estes imperavam na sociedade ocidental e diziam das “verdadeiras culturas” como sendo aquelas que deviam ser incentivadas e legitimadas. As culturas populares tinham lugar demarcado, mas eram vistas como uma anarquia que devia ser controlada pela “verdadeira cultura”. Esse acesso possibilitou o surgimento dos primeiros autores que publicaram as obras consideradas pioneiras no campo de estudos que se convencionou chamar de Estudos Culturais, causando uma interrupção na continuidade da lógica de se pensar a cultura. A autora ressalta:

⁵ Por se tratar de um trabalho onde a principal categoria analítica é a de gênero faço a opção de utilizar o nome completo dos/as autores/as a despeito do recomenda a ABNT (com exceção a quando são citados diretamente em mais de 4 linhas, ou seja, quando estiverem entre parênteses).

São esses trabalhos mencionados que dão origem, na década de sessenta, na Grã-Bretanha, ao conjunto de pesquisas denominado Estudos Culturais (...). Ao fazer esse relato, corro o risco de sugerir uma linearidade nas análises que desencadeiam o surgimento dos chamados Estudos Culturais. Por esse motivo, destaco que se os estudos Culturais constituem um campo com demarcações tão tênues como as mencionadas no início desse texto, são, igualmente, bastante numerosas e diversificadas as movimentações que dão conta da emergência desse novo espaço de discussão sobre a cultura. (COSTA, 2004, p.21)

Gestado no combate às concepções dominantes de cultura vigentes até a Segunda Guerra, as quais tinham um caráter eminentemente elitista, essa corrente epistemológica se configura a partir do pensamento de acadêmicos da esquerda política britânica. Trazia, contudo, já nas análises de seus primeiros pensadores, uma rejeição às formas mais ortodoxas do marxismo, indo contra o reducionismo do seu severo determinismo econômico e abordando temas que eram comumente silenciados na pesquisa acadêmica como, por exemplo, linguagem e cultura. Em se falando de cultura, Stuart Hall (1997) considera a cultura como um dos principais *locus* onde são estabelecidas e contestadas divisões desiguais de raça, etnia, gênero e classe. É o lugar onde se dá a luta pela significação, na qual os grupos subordinados tentam resistir à imposição de significados que sustentam os interesses dos grupos dominantes.

A desconstrução e o afastamento de questões edificadas sobre os binarismos⁶ passam a serem vistas como formas de trabalhar no campo político como novos conceitos e com um novo conjunto de métodos nos estudos culturais. Com o fim das metanarrativas, que levavam à criação de um sujeito guiado pela sua razão e sua racionalidade, deixa-se de lado a possibilidade de uma identidade única ou universal. A identidade não é vista mais como algo único ou unitário. Há deslocamentos nessa lógica de pensamento, dando lugar à fragmentação/divisão,

⁶ O termo binarismos aqui se refere às lógicas binárias conceituais e lingüísticas presentes em nossa cultura (homem/mulher, homossexual/heterossexual, branco/negro, razão/emoção, etc.)

descentralização e multiplicidade. Afinal, acredita-se que “o sujeito não pensa, não fala, não produz: ele é pensado, falado e produzido” (SILVA, 2007, p. 113).

Tendo como base alguns conceitos e concepções dos EC, suas propostas teóricas e suas possibilidades metodológicas, construo esse trabalho, buscando discutir as representações de gênero produzidas pela mídia sobre os/as atletas contemporâneos/as. Nessa pesquisa os termos mídia, diferença, representação, linguagem, cultura – entre outros – são compreendidos como parte da produção do sujeito pós-moderno, tido como “flutuante, incompleto, incerto e capaz de uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com que ele pode se identificar, pelo menos temporariamente” (HALL, 1997, p.13).

Retomando as questões visibilizadas pelos EC, problematizo aqui a cultura. Ao borrar as fronteiras entre cultura erudita e cultura popular, essa perspectiva propõe uma concepção de cultura que serve como base de sua teorização e de sua metodologia. Ao enxergar nas produções da “cultura popular” (cultura de massa) um locus de manifestação, ele abre espaço para questões que se situam entre cultura, significação, identidade e poder (COSTA, 2004). Livros populares, tablóides, rádio, televisão e a mídia em geral são observados por esse campo cultural como artefatos culturais que exercem sobre os sujeitos determinadas pedagogias. Discussão esta que interessa a essa pesquisa, visto que avalia um artefato cultural específico – o Site Terra e, a partir dele, as representações de gênero que produziu e reproduziu durante os Jogos Olímpicos de Pequim.

A união das questões culturais com as questões de poder resulta de um entendimento que a sua separação não é possível, pois uma está intimamente ligada à outra. Nesse sentido, justifico a importância de analisar os artefatos culturais, pois eles são um produto social, um local onde o significado é negociado e fixado e para tanto embates de poder são traçados a fim de determinar quem aparece, como

aparece e como deve ser visto. Nos próximos subtítulos, trarei apontamentos teóricos sobre mídia, gênero e esportes, buscando dar sustentação para a metodologia que será posteriormente apresentada, entendendo aqui que teoria e percurso metodológico devem formar um conjunto de “nós” amarrados por uma linha, não no sentido de serem lineares, mas que nos guiem para as análises propostas.

2.1 A MÍDIA COMO PEDAGOGIA

A cultura, vista a partir da perspectiva dos EC, é determinante para a produção do sujeito pós-moderno, entendido como fragmentado, cambiante. Os artefatos culturais por ela produzidos nos últimos 30 anos – TV, revistas, jornais, internet - instigaram o surgimento de novas e produtivas formas de pesquisa e debate. Os estudos feministas, os estudos sobre raça/etnia e as polêmicas interdisciplinares a respeito da construção social da sexualidade são algumas das arenas da política cultural, nas quais as “discussões adquiriram grande visibilidade e tiveram o leque de suas possibilidades de problematização e estudo grandemente ampliado”. (COSTA, 2004, p. 34).

Dentre esses artefatos culturais, meu interesse particular para essa pesquisa é analisar a mídia enquanto parte da cultura, entendendo-a como uma pedagogia cultural. Tomaz Tadeu da Silva (2007, p. 139) argumenta que “se é o conceito de “cultura” que permite equiparar a educação a outras instancias culturais, é o conceito de “pedagogia” que permite que se realize a operação inversa”. Tanto a educação quanto a cultura em geral estão envolvidas em processos de transformação das identidades e das subjetividades. Rosa Maria Bueno Fischer continua:

Parto do pressuposto que a mídia é uma forma de pedagogia cultural, ensinando assim, para além da escola e outros locais formais de educação. Ela é um “dispositivo pedagógico”, pois participa da constituição de sujeitos e subjetividades, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à educação das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem. (2003, p.7)

A representação da mídia enquanto uma “inocente” forma de entretenimento é deixada de lado, dando lugar à percepção que se caracteriza como um conjunto de formas midiáticas produtoras de representações que, às vezes explícitas, outras sutilmente, influenciam nossas maneiras de viver. Ao utilizar o termo pedagogia cultural, ancorado nos EC, estamos autorizados a estender nosso olhar para além da escola e entrever que não é somente nesse espaço pedagógico que os corpos e as subjetividades são educados, moldados, governados. Tomaz Tadeu da Silva assim se refere a estas novas formas de cultura:

Pelos imensos recursos econômicos e tecnológicos que mobilizam, por seus objetivos – em geral – comerciais, elas [essas novas formas culturais] se apresentam ao contrário do currículo acadêmico e escolar, de uma forma sedutora e irresistível. Elas apelam para a emoção e para a fantasia, para o sonho e a imaginação: elas mobilizam uma economia afetiva que é tanto mais eficaz quanto mais é inconsciente. É precisamente a força desse investimento das pedagogias culturais no afeto e na emoção que tornam seu “currículo” um objeto tão fascinante de análise... (SILVA, 2007. p. 140).

Nesse sentido, há pedagogia em qualquer espaço em que se efetuem diferentes aprendizagens, em que se ensina aos indivíduos modo de proceder, de fazer, de viver, de comprar, de comer, de falar, de vestir; “existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que

exista a possibilidade de traduzir experiências e construir verdades” (GIROUX e MACLAREN, 1995, p.144).

Diante dessa concepção, é possível pensar que muitos espaços e processos sociais passam a se constituir em instâncias educativas. As formas através das quais essas instâncias interpelam os sujeitos diferem e, também, seus efeitos podem ser distintos. Os espaços pedagógicos são vistos assim, como aqueles lugares nos quais o poder é organizado e difundido. Sobre a influência da mídia, enquanto “um desses lugares onde se educa”, Rosa Maria Bueno Fischer escreve:

... É possível imaginar que a mídia funcionaria, em nossa época, como uma espécie de lugar de superposição de ‘verdades’, justamente por ter-se transformado em um local privilegiado de produção, de veiculação e circulação de enunciados de múltiplas fontes, sejam eles diretamente criados a partir de outras formações, sejam eles gerados nos próprios meios. Uma de suas características principais é que, nela, por uma razão basicamente do alcance das tecnologias investidas nesse campo, qualquer discurso, materializado em entrevista de TV, cena de telenovela, reportagem de jornal, coluna de revista feminina, é passível de ter força de efeito ampliada, de uma forma radicalmente diferente do que sucede a um discurso que, por exemplo, opera através das formas de um livro didático ou de um regulamento disciplinar escolar. (FISCHER, 1996, p. 150).

Assim, nessa perspectiva, práticas, produtos e espaços até então tidos como “diversão, fuga do trabalho e da vida urbana agitada (assistir televisão, ler revistas em quadrinhos, brincar com a *Barbie*, etc.), passam a ser analisados como produtores de representações que regulam nossas vidas” (SANTOS, 2004, p. 237).

Dessa maneira, entendo os textos jornalísticos, a Internet, a televisão (fora outras tantas formas de mídia) como artefatos pedagógicos que exercem poder sobre o público que os consome/lê, ensinando “verdades” sobre assuntos diversos através daquilo que produz e reproduz.

Representação é um conceito-chave para articular a análise aqui proposta, pois é entendido como um modo de produzir significados na cultura; estes significados são produzidos através da linguagem e implicam relações de poder. Conforme Dagmar Estermann Meyer:

Representação envolve as práticas de significação e os sistemas simbólicos através dos quais estes significados – que nos permitem entender nossas experiências e aquilo que somos – são construídos. As representações envolvem, pois, as práticas de construção e partilhamento de sentidos na cultura, pela operação de diferentes e variados signos e sistemas de classificação (MEYER, 2000b).

Entendendo a representação como uma construção lingüística e dependente das relações de poder, é possível compreender que não existe uma representação “verdadeira” sobre alguma coisa, existe sim a construção cultural de um modo de representar algo para determinada época, e o resultado desse processo de significação e atribuição de sentidos é muitas vezes visto através da mídia.

Parte importante desse processo de elaboração das representações é a linguagem, pois é nela que se constroem os “lugares” nos quais indivíduos/grupos se posicionam ou são posicionados por outros, é nela que operam os sistemas simbólicos que nos permitem entender nossas experiências e definir aquilo que nós somos ou pensamos ser. (MEYER, 2000)

Ou seja, a linguagem classifica, identifica, diferencia, enfim, tem o poder de definir quem está incluído e quem está excluído. Soa como um processo de naturalização tênue de determinadas posições que devemos ocupar, dependendo de nossa cor, nossa sexualidade, nossa aparência corporal e outras tantas possibilidades

de hierarquização entre os sujeitos. A linguagem não é o resultado de algo pré-existente, ela produz sentidos que acabamos por partilhar na cultura: ela cria representações do que é certo, errado, normal, desviante... É no seu interior, através de disputas de poder, que essas representações são elaboradas e produzidas.

Esses embates pela representação exposta na mídia acabam por ensinar como deve ser nosso relacionamento com o mundo, baseados naquilo que somos ou, melhor dizendo, naquilo que as representações nos possibilitam ser. Ao mesmo tempo em que entendemos a mídia como instância não-formal de educação, devemos perceber que a sua “falta de formalidade” não é sinônimo e nem significa equivalência de um poder menos eficaz na produção das identidades individuais e sociais. Sobre a força e importância na mídia nesse processo, Rosa Maria Bueno Fischer escreve:

Em quase todos os campos do conhecimento, hoje, procura-se entender o que sucede ao homem contemporâneo, quando as ações do mercado, da mídia e da publicidade se tornam tão fortes na constituição dos sujeitos individuais e sociais. (...) Os discursos sobre como devemos proceder, como devemos ser e estar nesse mundo, o que fazer com cada parte do nosso corpo, o que fazer com a nossa alma, produzem-se e reproduzem-se nos diferentes campos de saber e práticas sociais, mas passam a “existir” realmente desde o momento em que acontecem no espaço dos meios de comunicação. (2000, p. 85)

Partilhando esses discursos produzidos pela mídia, nos tornamos parte ativa nos processos educacionais em ação. Quando uso a expressão “parte ativa”, quero dizer que distintas relações do sujeito com a informação exposta podem ocorrer: acolhida, ruptura, conformidade, resistência, crítica ou imprevisíveis combinações dessas e de outras respostas. Não quero afirmar que somos capazes de fazer uma minuciosa separação entre o que nos serve como verdade ou não, quero apenas ilustrar que existe a possibilidade de uma contestação sobre o que nos é apresentado.

Quando acabamos por consumir um tal produto ou a repetir uma informação ou uma opinião (a partir de uma conversa rotineira, da leitura de um livro, ou de algo visto na TV), possivelmente de alguma forma fomos convencidos de algo, porque as imagens ou as coisas ditas, naquele lugar e através daqueles recursos de linguagem fizeram sentido para nós, tocaram-nos em nossos desejos, sonhos, convicções políticas ou religiosas, faltas ou aspirações. Talvez simplesmente porque ali nos reconhecemos, nos sentimos representados e pudemos, num dado momento, conscientemente ou não, dizer: “Sim, é isso aí. É bem isso” (FISCHER, 2003, p. 28-29).

A superficialidade na divulgação das informações e a rapidez com que são produzidas e divulgadas colaboram para que nos tornemos consumidores de reflexões fáceis do que nos é exposto em tom de verdade inegável, única e universal. Com isso, a mídia com todo seu poder de alcance, com as suas inclusões e exclusões, vai educando as pessoas, criando e reproduzindo, por exemplo, representações de gênero para os homens e mulheres atletas contemporâneos – tema dessa dissertação.

Ainda que se possa tecer várias críticas à mídia, vale esclarecer que, aqui, ela não é representada como a vilã da produção contemporânea de conhecimento, nessa dissertação ela é analisada como um espaço de poder cuja existência exerce influência sobre os sujeitos contemporâneos. Conforme Stuart Hall (1997):

Não estamos necessariamente falando aqui em dobrar alguém por coerção, influência indevida, propaganda grosseira, informação distorcida ou mesmo por motivos dúbios. Estamos falando em arranjos de poder discursivo ou simbólico. Toda a nossa conduta e todas as nossas ações são moldadas, influenciadas e, desta forma, reguladas normativamente pelos significados culturais (p. 40).

Quero dialogar com o autor e pensar a mídia como um espaço de poder, mas não o único. Suas representações são também resultado de inúmeros poderes que atravessam a produção e construção social de identidades. Porém, a difusão dessas representações ganha força, velocidade e alcance com as possibilidades de socialização de informação na sociedade contemporânea.

A mídia é uma grande potencializadora de representações. Midiatizando formas de ser, de fazer, de estar, estamos ampliando a visibilidade dada, em outros lugares em que circulamos, à determinadas representações. Ou seja, nessa perspectiva não é somente ela que cria e divulga. Com seu poder de alcance, a mídia, ajuda na produção e vai reproduzindo o que já é aceito socialmente. Com isso não quero simplesmente afirmar que ela é um “espelho”, um simples reflexo das representações que assistimos na sociedade de um modo geral. Quero sim, pensar que, para além de se configurar como simples reprodutora de representações já estipuladas, ela também tem o poder de produzi-las. Ora se ela é capaz de ajudar na produção mantendo padrões estabelecidos socialmente, quero afirmar que ela também tem poder para transformar.

Partindo do pressuposto que a comunicação é prerrogativa a qualquer processo de mudança social precisamos comunicar e fazer serem ouvidas as nossas necessidades, se pretendemos qualquer transformação. Podemos pensar também que para a manutenção, e não somente para a transformação, são necessários investimentos de visibilidade. A mídia, de uma maneira geral, enquanto lugar desses investimentos de se fazer ver, é um espaço onde apreciamos o que nos é apresentado e consumimos, ou não, as ofertas que chegam até nós. Enxergo o público aqui não apenas como consumidor de produtos com valores financeiramente estipulados e passíveis de serem negociados. Representações também são negociadas e compradas ou não, afinal para a mídia além de mostrar determinada mercadoria é necessário que exista um público que consuma aquela mercadoria, ou melhor dizendo, aquela

representação. Fazendo um vínculo com o tema de pesquisa é possível afirmar que os diferentes artefatos midiáticos como os quais nos deparamos hoje fazem circular representações de masculinidades e feminilidades no esporte e fora dele.

Não precisamos e nem devemos ser meros leitores ou consumidores, analfabetos de uma “cultura da mídia”, sem entender o quanto ela nos ensina. Ao fazer uso dessas produções (TV, jornal, revistas, internet) para produzir reflexões mais profundas, num exercício de leitura crítica, contextualizando as informações, poderemos passar a nos posicionar, entender o que nos é apresentado – e também o que não é apresentado – bem como algumas das razões pelas quais as informações chegam ou não até nós. Mais especificamente: a partir de um olhar crítico podemos compreender algumas das razões para os/as atletas serem representados de uma dada maneira e não de outras tantas possíveis.

Mergulhar nesse universo das diferentes formas e estratégias de produção, veiculação e recepção de artefatos culturais é participar de uma investigação permanente sobre nós mesmos, nossa cultura, as relações de poder em nossa sociedade, os modos de constituir sujeitos e de interpretar indivíduos e grupos sociais. É também fazer o aprendizado da fruição de um tipo de produção muito específico que, de um modo ou outro, nos olha e recebe, cotidianamente, o nosso olhar. (FISCHER, 2003, p. 109)

Baseada nessas breves considerações busco olhar um artefato da mídia tentando compreender como ela produz e reproduz discursos sobre temas relacionados ao esporte contemporâneo. Interessa aqui, mais especificamente, entender suas representações sobre gênero ou, ainda, sobre as masculinidades e feminilidades do/as atletas olímpicos de Pequim.

2.2 ESTUDOS DE GÊNERO

No subtítulo anterior, ao situar a mídia dentro da perspectiva de pesquisa proposta, realizo o primeiro exercício de elaborar e organizar teoricamente esse trabalho. Dando continuidade a esse processo, apresento aqui considerações teóricas sobre a categoria analítica “gênero”. Estas se mostram fundamentais para a compreensão das análises que foram realizadas no material empírico que constitui essa investigação cujo foco é as representações de gênero no esporte contemporâneo tendo como lócus de análise os Jogos Olímpicos de Pequim..

Com a introdução no mundo acadêmico do termo “gênero” como uma categoria de análise abre-se o conceito para campos de estudo que nos possibilitam pesquisar para além da história das mulheres⁷. Joan Scott foi uma importante historiadora nesse processo de construção do gênero como uma categoria analítica, sobre ela, Silvana Vilodre Goellner escreve:

Não apenas o fazer historiográfico é questionado por Scott quando propõe uma história analítica e não descritiva como também a designação história das mulheres é colocada em suspeição, na medida em que atribui ao gênero uma categoria imperante da análise histórica visto que masculino e feminino são construções sociais e históricas. Com astúcia e ousadia, Scott alerta para emergência de uma análise histórica relacional, visto que ser masculino só pode ser entendido a partir do que se institui como sendo feminino e vice-versa. (2007, p. 35)

⁷ Filho das reivindicações feministas, das discussões geradas pelos estudos de mulheres, das crises epistemológicas e do rompimento com os estruturalismos e com as abordagens modernas, o conceito de gênero assumiu, desde seu surgimento, proximidades com estas diversas perspectivas. (STOLK, V. *La mujer es puro cuento: la cultura del género*. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 12(2), maio-agosto 2004.)

A introdução do conceito de gênero na teorização feminista teve o mérito de chamar a atenção para o caráter relacional das relações entre os sexos. Enquanto um termo relacional, o foco da análise é deslocado: não são simplesmente as mulheres que são vistas como objeto de investigação, “mas também os homens, na medida em que estão situados no pólo de poder da relação” (SILVA, 2007, p. 95). Com isso, mesmo o termo gênero tendo sua origem no campo dos Estudos Feministas, sua análise não significa o estudo das ou sobre as mulheres.

A partir dessa compreensão os estudos que tem como foco a questão das masculinidades integram o campo dos estudos de gênero, o que afirma a importância da relação entre o masculino e o feminino enquanto categorias de análise relacional, dependendo uma da outra para serem analisadas e discutidas. Ao utilizarmos o termo gênero ampliamos a compreensão para além do determinismo biológico imposto pelas terminologias homem ou mulher e passamos a analisá-lo como aquilo que se relaciona à construção de feminilidades e masculinidades. De uma maneira simplificada, é dentro dessa perspectiva que pretendo trabalhar com o conceito de “gênero” nesse trabalho.

Vale ressaltar que nessa análise não está sendo negada a materialidade do corpo, mas o foco é deslocado do corpo em si para os processos e relações que possibilitam que a biologia passe a funcionar como causa e explicação de diferenciações e posicionamentos sociais (MEYER, 2004). Essa discussão é baseada em autores/as pós-estruturalistas, cuja teorização afasta-se de perspectivas essencialistas⁸ e binárias que marcam os locais universais de homem e mulher, e passar a entender e significar gênero como uma categoria de análise relacional (GOELLNER, 2007; LOURO, 2000; MEYER, 2004).

⁸ Para Silva (2000) entende-se por essencialismo a tendência a caracterizar certos aspectos da vida social como tendo uma essência ou um núcleo (natural ou cultural) fixo, imutável.

Contemporaneamente, colocar a biologia fora da cultura tem se tornado um desafio teórico: as possibilidades de transgredir as categorias sexuais, a junção corpo-máquina, as avançadas tecnologias de reprodução e outras tantas “novidades” do mundo pós-moderno nos possibilitam ampliar as maneiras de ser e estar no mundo atual. Nossas identidades de gênero e sexuais – bem como outras tantas possibilidades de identidade: raça, classe, etc - são produzidas em meio a essa conjuntura – do entendimento da biologia como “parte” da cultura - e passam a fazer parte desse quadro atual. Os termos identidades sexuais e de gênero nos permitem uma aproximação teórica que auxiliará na construção das análises e considerações propostas para essa dissertação, uma vez que, a construção dos discursos midiáticos, nada mais é do que um emaranhado de enunciados, nos ensinando sobre nossas identidades, aqui especificamente, nossas identidades de gênero. Sobre essas identidades, Guacira Lopes Louro, aponta:

... Estou entendendo por identidades de gênero as construções socialmente distintas de masculino e feminino, isto é, as atribuições sociais e históricas feitas a partir de características biológicas; e por identidades sexuais estou compreendendo distintas maneiras de viver “desejos e prazeres corporais”, formas essas também culturalmente construídas e que podem expressar-se através de homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade ou um auto-erotismo (...) Se a ênfase é colocada, pois, na “construção” social e histórica das identidades, temos que admitir que nesse processo encontra-se intrinsecamente articulado a relações de poder. Essas relações de poder, por sua vez, também não são fixas, mas cambiantes e fluidas. As várias identidades e práticas são todas sociais, nenhuma identidade sexual ou de gênero é natural.(2000, p.76)

Cabe aqui contextualizar o termo identidade, usado – dentro dos EC – em torno da afirmação de que “as identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (HALL, 1997, p. 12). Esse autor, ao discutir os processos de transformações que vão ocorrendo no final do século XX, afirma que o

sujeito contemporâneo também é 'pós' relativamente a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade. A identidade do sujeito pós-moderno 'torna-se uma celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987 apud HALL 1997, p. 12-13).

Passamos a assumir para diferentes situações, diferentes identidades. Criam-se inúmeras posições de sujeito. E, para um melhor entendimento dessa característica das sociedades da modernidade tardia, o conceito de diferença é importante, a fim de compreendermos como se dá esse processo de diferenciação. Tomaz Tadeu da Silva (2007) argumenta que para a concepção pós-estruturalista, a "diferença é essencialmente um processo lingüístico e discursivo, ela não pode ser concebida fora dos processos lingüísticos de significação". Ou seja, a diferença não é uma característica natural: ela é discursivamente produzida. Sendo assim, elas estão sendo constantemente produzidas e reproduzidas através de relações de poder. O que é "diferente" depende da posição de quem enuncia, de quem afirma. Os valores ou instituições universais são deixados à margem dando lugar a posições de sujeitos, diferentes ou não, de acordo com as relações de poder que guiam sua produção.

Ao afirmar que as identidades e as diferenças são produzidas em meio as relações de poder, quero explicitar que seu processo de significação implica negociação, disputa. Assim também é o processo de construção das identidades de gênero, elas não são igualmente valorizadas, não se exercitam e nem são vividas da mesma forma, ou seja, não são socialmente equivalentes. Boaventura Souza Santos assim nos fala sobre o processo contemporâneo de construção de identidades:

Mesmos as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem (...) escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis, em última instância, pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso (2000, p. 135).

Assim como a identidade, a diferença é um processo relacional. Ambas só existem numa relação de mútua dependência. As identidades que assumimos ou somos levados a assumir, inclusive as de gênero, são “resultados de um processo histórico e discursivo de construção da diferença” (SILVA, 2007, p. 101). Relacionando esses termos como o que foi abordado anteriormente nesse trabalho a cerca da mídia como uma forma de pedagogia cultural que colabora para a construção das identidades, Rosa Maria Bueno Fischer explicita:

Há uma imensa responsabilidade dos meios de comunicação (...) no que se refere aos modos de nomear os diferentes. (...) Em que medida todos esses diferentes são tratados como diferença a ser excluída ou normatizada; ou então, numa outra perspectiva: em que medida esses “outros” ganham visibilidade como diferença a ser reconhecida socialmente? (...) As imagens da TV tendem a fixar determinadas “verdades”, determinados conceitos universais (...) (2003, p. 42)

Essa visão, por vezes, pode apresentar-se conectada a uma posição de *tolerância* em relação àqueles e àquelas que vivem uma forma não hegemônica de suas identidades de gênero, *desde que* se mantenham discretos. No entanto, essa compreensão carrega a pretensão de que é possível isolar os sujeitos sociais, além de demonstrar, sob uma forma condescendente, que aquele ou aquela que “tolera” é, de fato, o sujeito “normal”, a referência (LOURO, 2000). Ou seja, as representações de gênero produzidas pela mídia tendem a localizar o homem ou a mulher de acordo com determinados padrões de feminilidades e masculinidades construídas

historicamente dentro da sociedade. Razão pela qual parece existir um modo de ser “adequado” que deve ser visibilizado e reforçado constantemente enquanto outros são postos de lado.

Aproximando a discussão sobre gênero para o campo do esporte, pergunto: o que torna possível pensar que determinadas modalidades esportivas sejam mais apropriadas a homens do que às mulheres e vice-versa? Por que se atribui termos como masculino ou feminino a determinadas modalidades esportivas? Por que quando falamos em futebol parece estar naturalizado que ele é um esporte masculino? Quando se trata de uma partida de futebol feminino explicitamos isso, quando é masculina, normalmente nossa referência é a uma partida de futebol. O uso do termo masculino fica subentendido pois nesse caso, é o referente e, por assim ser, não precisa ser dito ou nomeado.

Buscando problematizar essas questões, escolho os Jogos Olímpicos como recorte para a seleção do material empírico desse trabalho. A próxima temática abordada trará fragmentos sobre a participação de mulheres e homens atletas nos Jogos Modernos, buscando apontamentos que nos auxiliem na compreensão de como determinados esportes foram construídos como sendo para homens e/ou para mulheres.

2.3 JOGOS OLÍMPICOS MODERNOS: FRAGMENTOS HISTÓRICOS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE HOMENS E MULHERES ATLETAS

Entendo como parte importante das aproximações teóricas desse trabalho, buscar compreender a participação masculina e feminina nos Jogos Olímpicos, uma

vez que o material empírico proposto para essa pesquisa é composto pelo aparato midiático que circulou durante os Jogos Olímpicos de 2008, realizada em Pequim/China. Com isso, busco contextualizar, histórica e culturalmente, o esporte de alto rendimento, que ganha maior visibilidade nos grandes eventos esportivos, enquanto produtor de identidades de gênero.

Luis Henrique Sacchi dos Santos (2004, p. 253) nos pontua, ao refletir sobre uma “suposta história natural” do campo de conhecimento da biologia: “Assim, falar de moluscos, é falar também da história que os produziu”. Trago aqui considerações históricas pensando que falar de homens e mulheres atletas nos Jogos Olímpicos é falar também da história que os produziu. Essas histórias produzem representações muito específicas e a forma como se fala delas não só os descreve mas também as produz. Elas refletem as naturalizações feitas para os “lugares de homens e de mulheres” na sociedade de um modo geral, ou seja, papéis e funções que eram e são desempenhados por eles e/ou elas baseados na biologia dos seus corpos. Assim também podemos entender as diferentes modalidades esportivas, entendidas – como veremos a seguir – de maneiras distintas ao longo da história dos Jogos Olímpicos Modernos.

Enquanto prática social, o esporte de alto rendimento oferece à sociedade contemporânea um espetáculo pleno de conquistas: superação, esforço, garra cujas representações chegam até nós, diariamente através da televisão, dos jornais, da internet, do rádio e tantas outras formas possíveis de se difundir uma informação. Os reflexos da difusão cultural são observados, como exemplo, no mundo do futebol que se converteu em um negócio altamente lucrativo desfrutando de um suporte desproporcionado dos meios de comunicação.

A sociedade atual converteu o esporte em um setor economicamente dinâmico e atrativo. O crescente interesse pelo esporte e o desenvolvimento participativo da sociedade em atividades esportivas desencadeou um impacto econômico que incrementa a compra de espetáculos esportivos, serviços, equipamentos, classes, vestimentas, publicidade, patrocínio e outros (CARRAVETTA, 1997)

Em conjunto com as informações esportivas nos são apresentadas também representações sobre o que é ser atleta de uma determinada modalidade esportiva. Essas representações estão ligadas a diferentes valores de diferentes épocas, ou seja, o “ideal” de atleta olímpico não é o mesmo ao longo da história, ele vai se modificando, refletindo concepções produzidas pela sociedade de um modo geral.

Com relação às representações de gênero, Fabiano Pries Devide (2005) apresenta alguns apontamentos sobre essa temática, focalizando a participação feminina na história dos Jogos Olímpicos. Segundo o autor, a crescente participação das mulheres neste evento se deu em meio aos entraves e conquistas de determinadas épocas cujos conhecimentos nos auxiliam na percepção de como determinadas modalidades foram histórica e culturalmente construídas como sendo para homens ou para mulheres. Construção esta baseada nas representações consideradas hegemônicas de feminilidades e masculinidades e que, grosso modo, associa determinadas práticas aos homens e outras as mulheres.

Competitividade, agressividade, combatividade, busca da vitória... O esporte privilegia um conjunto de “valores como força, potência, velocidade, vigor físico, busca de limites, características valorizadas na sociedade e historicamente associadas à imagem de masculinidade” (RÚBIO; SIMÕES, 1999 apud DEVIDE, 2005, p. 42), fazendo com que o comportamento esportivo seja definido como “coisa de/para homem”. A atleta mulher vive uma contradição severa: ser bem sucedida como atleta pode significar falhar como mulher, quando não se pode contemplar os atributos

socialmente designados para elas, a saber: delicadeza, graciosidade, e ainda, a questão da maternidade nata. Para as mulheres, em grande medida, é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado a beleza e a graciosidade, atributos colados em uma suposta “essência feminina” (GOELLNER, 2006).

Para serem mulheres atletas, elas assumiriam comportamentos socialmente associados aos homens, mas não deixariam de ser consideradas biologicamente como mulheres. Frases do tipo “joguem como cavalheiros, mas comportem-se como damas” (DEVIDE, 2005, p.33) ilustram bem o “temor” da perda da feminilidade por parte da atleta.

Na história das Olimpíadas, algumas mulheres foram silenciadas enquanto atletas por longos anos. Os Jogos Olímpicos Modernos foram retomados em 1896, em Atenas/Grécia. Antes, em 23 de junho de 1894, sob a liderança do francês Pierre de Frey, que passou à história com o título de barão Pierre de Coubertin, ocorreu um congresso na Universidade de Sorbone, em Paris, onde ele apresentou a proposta de renovação dos Jogos Olímpicos aos delegados de 11 países. Durante esse evento, no qual nenhuma mulher tomou parte das discussões, não houve menção sobre a presença de competições femininas, o que corroborava da crença existente no século XIX de que as leis da natureza geraram a mulher para responsabilidades reprodutivas, ao invés de intelectuais e físicas (DEVIDE, 2005, p.89). Já ao homem associavam-se os conceitos de vigor, moralidade, combatividade e a visibilidade pública, todos valorizados nos Jogos Olímpicos. Para esse autor ao longo dos textos escritos de Coubertin fica clara a evolução de suas reflexões entre fins do século XIX e meados da década de 20, quando deixou a presidência do Comitê Olímpico Internacional, período no qual presenciou as mudanças nas relações das mulheres com seus corpos e com a sociedade e, apesar de sua desaprovação, também a lenta inserção das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos.

Usarei aqui o minucioso apanhado feito por Fabiano Pries Devidé (2005) para descrever alguns fragmentos de como essa inserção foi acontecendo. Justifico e ênfase na questão da participação feminina, inclusive por uma questão política pois para elas essa inserção e permanência se deu de forma muito mais árdua do que para os homens.

Segundo o autor, desde 1896, existem relatos de participações femininas não oficiais como, por exemplo, na prova da maratona. A partir de 1900 as mulheres passam a participar oficialmente ou como modalidades de exibição: golfe, tênis, arco e flecha, natação e tênis. Paralelo aos Jogos cria-se em 1917 e 1921, respectivamente, a Federação Esportiva Francesa e Federação Esportiva Feminina Internacional como instâncias que lutam para ampliar a participação feminina nos Jogos. Um momento importante da história mundial, II Guerra, fez surgir a necessidade de substituir os homens que estavam no *front*, assim, muitas mulheres passaram a trabalhar de forma remunerada, desenvolvendo ações sociais e participando da vida política, provando que poderiam assumir qualquer atividade profissional na esfera pública. Esse era um passo importante para a conquista de determinados espaços públicos pelas mulheres e, com certeza, iria refletir nas suas práticas corporais e esportivas e, conseqüentemente, na sua participação nos Jogos Olímpicos.

O cenário mundial em relação às mulheres mudava lentamente. O período de 1948 a 1968 destacou-se por uma tendência mundial de evolução na participação das mulheres no esporte. Mas, mesmo assim, “mulheres atletas, musculosas, fortes, suadas e sujas, ainda eram vistas como ofensivas e pouco femininas pela imprensa e pela sociedade”. (DEVIDÉ, 2005, p. 106-107)

Para o autor, a partir da década de 70, as mulheres começaram a redefinir papéis sociais e de gênero, inclusive no esporte.

Força e músculos femininos tornaram-se mais aceitáveis com o desenvolvimento do movimento norte-americano do *fitness*, que cultuava a beleza e juventude do corpo feminino, enquanto os esportes de contato e de equipes coletivas eram associados à celebração da masculinidade e inaceitáveis e artificiais para as mulheres. Nessa época surgiu o rótulo “masculinizante” para os jogos de equipe, interpretados como possíveis causadores de desvios de gênero na infância e adolescência, podendo ser preditores do lesbianismo entre as praticantes (RAIL, 1990, apud DEVIDE, 2005, p. 113)

Ainda sobre alguns fragmentos da participação de homens e mulheres nos Jogos Olímpicos, utilizo os dados apresentados por Sílvia Lancellotti (1996, p. 429-621) de cada edição dos Jogos Olímpicos desde 1896. Segundo o autor, entre 1972 (Munique) e 1984 (Los Angeles) as mulheres correspondiam a aproximadamente 1/3 do número total de atletas inscritos em todas modalidades previstas. Em Seul (1988), ainda havia sete esportes nos quais as mulheres não participavam: boxe, judô, pentatlo moderno, futebol, pólo aquático, levantamento de peso e luta. Os homens só não participavam do nado sincronizado e da ginástica rítmica.

Henrique Nicolini (2008) se refere a uma suposta paridade na participação em números de homens e mulheres atletas nos Jogos Olímpicos anunciando: “Sem dúvida, a mulher está conquistando em todas as áreas da atividade humana a independência pleiteada, e este número é mais um índice para demonstrar que elas chegaram à desejada igualdade” (p. 215).

Nos Jogos de Pequim, de acordo com o Comitê Olímpico Internacional, o número de mulheres atletas praticamente igualou ao número de atletas homens⁹. Ainda que esse dado seja importante, a discussão aqui proposta não é a quantidade de participantes homens e mulheres, para saber se o acesso feminino aumentou. Isso

⁹ Disponível em www.olympics.org Acesso em: 08 de ago.2008

é indiscutível. No entanto, apesar da crescente participação feminina nos esportes, inclusive pela mídia, creio que essa presença deve ser avaliada com atenção.

Este sucinto apanhado histórico permite visibilizar o quanto histórica e culturalmente determinados esportes foram associados a homens ou mulheres e acompanhados por suas “conseqüentes” masculinidades e feminilidades. Penso que a história serve aqui para nos auxiliar a descortinar os discursos que ainda hoje enxergamos na mídia, mas não é somente através dela que buscamos compreender o emaranhado de representações que nos é oferecido. Afinal, a história que conhecemos é a que chegou a nós, ela possui efeito de verdade, mas não é necessariamente a única verdade sobre os fatos. Não podemos esquecer que a história é uma narrativa sobre o passado e, por assim ser, é permeada de relações de poder que tanto podem dar visibilidade aos sujeitos/acontecimentos quanto colocá-los nas zonas de sombra. Nas palavras de Michel de Certeau: “Toda a pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural e está submetido a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade” (1982, p. 66).

Interessa aqui, portanto, a partir dos pressupostos teóricos desenvolvidos para esse momento, problematizar as questões relacionadas às representações de gênero que circulam na mídia esportiva, associando ou não, determinadas modalidades a homens ou mulheres ou, melhor dizendo, a atributos tidos como masculinos ou femininos. Finalizo aqui as aproximações teóricas que fundamentam esse trabalho e passo a apresentar as decisões metodológicas utilizadas no decorrer de sua construção. Saliento que é para ir ao encontro da teoria que faço essas opções, acreditando que se tratam de opções teórico-metodológicas, uma vez que ambas devem existir em relação.

3 DECISÕES METODOLÓGICAS

Em maio de 2007, realizei um estudo no qual busquei analisar como homens e mulheres atletas da delegação brasileira que participariam dos jogos Pan-americanos de 2007 foram representados pela mídia, mais especificamente, pelo Jornal Zero Hora¹⁰. Além de acompanhar as reportagens sobre o Pan-americano me interessei por aquilo que a mídia veiculava cujo tema estava relacionado com os Jogos. Duas fontes midiáticas, fora o jornal, chamaram minha atenção: sites da internet e a televisão. O primeiro pela rapidez na atualização e divulgação nas informações: enquanto os jornais circulavam com notícias uma vez ao dia, um mesmo site era atualizado centenas de vezes no mesmo espaço de tempo. Quanto à televisão, seu largo alcance junto a diversos públicos foi um forte argumento para tomá-la como artefato importante a ser pesquisado quando tratamos do assunto mídia. A visibilidade que ela confere ao que veicula é objeto de importantes estudos na área da educação¹¹.

Para o momento de qualificação do projeto dessa dissertação¹² a proposta era ampliar a consulta ao material midiático, incluindo além do jornal, um programa de televisão e uma página da internet, a saber: Jornal Zero Hora, Site Terra e Jornal Nacional. Essa opção levava em conta o alcance que esses meios tinham sobre o grande público e também por se caracterizarem por não serem meios de comunicação especializados na parte esportiva (como por exemplo, os canais específicos da televisão paga, as revistas sobre esportes).

A partir desse primeiro exercício analítico, escolhi os Jogos Olímpicos – que aconteceram entre 08 e 24 de agosto de 2008 – como lócus de pesquisa dessa

¹⁰ Este mesmo trabalho já foi citado anteriormente na Introdução (página 8).

¹¹ Sobre esse tema, sugiro a leitura do livro: *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*, de Rosa Maria Bueno Fischer, citado nas referências dessa dissertação.

¹² Realizado em 18 de setembro de 2008 com participação da banca avaliadora composta pelos professores: Dra. Ludmila Mourão e Dr. Aberto Reinaldo Reppold Filho.

investigação dada a importância do evento, no qual os esportes, os/as atletas e seus corpos atingem uma grande visibilidade nos mais diferentes artefatos midiáticos que fizeram a cobertura do evento.

Prova disso é que durante esse período alguns jornais exibiram encartes especiais sobre a realização dos Jogos, tais como, o “Caderno Pequim 2008”, do Jornal Zero Hora. Várias páginas da internet criam links específicos para a cobertura dos Jogos e a televisão transmitiu em tempo real diversas modalidades, seja a TV aberta ou a TV por assinatura (essa última abriu novos canais nesse período para ampliar sua programação). Além dessa ampla cobertura, um fato interessante é que muitos ex-atletas foram chamados/as a fazer parte das equipes de reportagem responsáveis pela veiculação de notícias esportivas durante os dias de realização de competição. Estes/estas ao serem posicionados como comentaristas esportivos, tiveram reconhecida a sua autoridade para dizer sobre aquilo que comentam, explicam, noticiam.

Ainda sobre o material empírico, explícito, aqui, como realizei a observação e a coleta dos dados, nos meses de agosto e setembro de 2008:

1. Jornal Zero Hora: consulta à capa do jornal e ao encarte específico sobre as Olimpíadas. Seu formato é de aproximadamente 12 páginas, em sua maioria coloridas e recheadas de imagens. Não apresentei nenhum dado mais específico sobre essa forma de mídia, pois já estava familiarizada a manuseá-la, tendo em vista que com base no mesmo Jornal, já realizei trabalho anterior.
2. Jornal Nacional¹³: os materiais veiculados possuem duração entre 15 e 25 minutos. Em seu primeiro bloco, fez as “chamadas” sobre as principais

¹³ Analisei as edições do Jornal Nacional veiculadas no site: www.globo.com (a mesma edição veiculada na televisão é disponibilizada na íntegra na internet, fora caso específico dos Jogos Olímpicos).

notícias que eram apresentadas naquela noite. O telejornal dividiu-se em quatro blocos, e a parte relativa aos esportes foi veiculada na sua última parte. Durante a realização dos Jogos Olímpicos, foram 14 edições (e não 17, que foram os dias de realização dos Jogos, pois o telejornal não é exibido aos domingos). Analisando os vídeos disponibilizados no site desse programa, mapeei as suas edições relatando o dia, o link de acesso e a estrutura geral das reportagens. Também verifiquei se nas “manchetes” ou “chamadas” era feita alguma referência aos Jogos (o que não ocorreu). Depois, dividindo por blocos, fui descrevendo as informações veiculadas relativo aos Jogos. Para minha surpresa as notícias eram, em sua maioria, chamadas ao vivo de repórteres da emissora que estavam em Pequim, fazendo relatos das condições climáticas do local das provas e de algumas especificidades culturais da China como, por exemplo, sua culinária. Fora isso, no último bloco sempre era apresentado o quadro de medalhas e a agenda dos atletas brasileiros para o próximo dia de competições. A partir do dia 18 de agosto¹⁴, apareceu um “Aviso” no site do telejornal assim descrito: “Embora tenham sido exibidas na TV, as imagens referentes às Olimpíadas não aparecem neste vídeo, pois os detentores dos direitos não autorizaram seu uso na internet”. Essa informação fez com que eu abandonasse o telejornal como um dos artefatos midiáticos a serem analisados, visto que não teria acesso às reportagens sobre os Jogos Olímpicos propriamente ditos.

3. Site Terra: em um primeiro momento, acessei uma vez ao dia. Garimpando as informações presentes nessa fonte dois locais chamam minha atenção. Primeiramente, o *link* “Últimas Notícias”, onde eram atualizados os resultados e demais notícias sobre os Jogos. O outro link, nomeado como “Fotos”, era atualizado dia-a-dia, no qual eram apresentadas fotos, com ou sem legenda,

¹⁴ Disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM870712-7823-JORNAL+NACIONAL+EDICAO+DE+NA+INTEGRA,00.html>.

sobre diversos acontecimentos que se fizeram existir durante 17 dias de competição.

Sobre as reportagens, disponibilizadas em “Últimas Notícias”, foram apresentadas, as manchetes uma logo abaixo da outra, sendo antecedidas pelo horário em que foram publicadas. Clicando-se nelas era possível ter acesso à reportagem na íntegra. As reportagens eram curtas (máximo de uma página) e, em sua maioria, extremamente técnicas: informavam números, dados e resultados. O site apresentou, em média, 60 reportagens por dia, disponibilizadas nesse *link*.

Na seção “Fotos” identifiquei que as mesmas foram separadas pelos dias de realização dos Jogos. A cada dia havia um quadro com aproximadamente 25 fotos (com título) por página disponível¹⁵. Diariamente foram publicadas, aproximadamente, entre 300 e 500 fotografias. Clicando em uma dessas fotos, a mesma abria em outra janela em tamanho maior e, abaixo dela, eram disponibilizadas mais fotos sobre o mesmo assunto da foto principal. Elas possuem um título e um subtítulo e ao clicar na foto, abria-se uma nova janela, com todas as fotos relacionadas ao tema, conforme a imagem que apresento abaixo. Aqui, cada foto, possui uma legenda específica.

¹⁵ Para visualizar melhor a distribuição das imagens, acessar:
<http://esportes.terra.com.br/pequim2008/ultimas/galerias/0,,EI10378,00.html>

PEQUIM 2008

Maurren Maggi vai à final do salto em distância

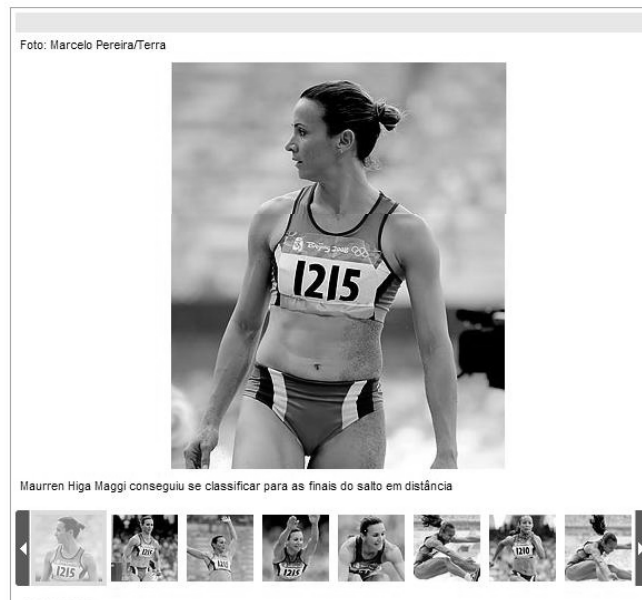


Figura 01: Exemplo de disponibilização de Fotos – Site Terra – Link “Fotos”
Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI72326-EI10378,00.html>

Além das fotos, analisar sua distribuição na página, seus títulos, subtítulos e suas legendas se fez relevante para articularmos as análises pois essa disposição não era neutra mas evidenciava sentidos, hierarquias, formas de se fazer ver e fazer ocultar. Para tanto, o material foi organizado da seguinte forma: as fotos foram salvas no computador¹⁶ em pastas separadas por dia e, num segundo nível, em pastas com o título que aparecem no site. A organização dos subtítulos e legendas das fotos, foi realizada em uma planilha excel onde também constam: o link de acesso para as imagens e o dia em que as mesmas foram acessadas¹⁷.

Ao apresentar as primeiras aproximações e mapeamento do material empírico à banca de qualificação foi sugerido que o trabalho prosseguisse apenas com a

¹⁶ Foram utilizados softwares que acompanham o pacote Office do Windows XP.

¹⁷ A catalogação das fotos acompanha essa dissertação em CD, ao final do trabalho (APÊNDICE A)

consulta ao site Terra, tendo em vista a grande quantidade de imagens e textos veiculados neste artefato, bem como a praticamente inexistência das reportagens televisivas através de sua divulgação eletrônica e que o jornal é uma forma de mídia já pesquisada anteriormente, acato, para esse momento de defesa de dissertação, a sugestão da banca, elegendo para as análises propostas o Site Terra.

Em função dessa decisão, passo agora, a descrever algumas especificidades desse artefato midiático e, em particular, o site privilegiado.

Conforme nos diz Luciana Mielniczuk: “A Internet passa a ser empregada, de forma expressiva, para atender finalidades jornalísticas, a partir de sua utilização comercial, que se dá com o desenvolvimento da Web no início dos anos 90 (2001, p. 1).

Primeiro, as páginas de webjornalismo, eram simples versões dos tradicionais impressos, sendo atualizados uma ou duas vezes ao dia. O cenário começa a modificar-se com o surgimento de iniciativas tanto empresariais quanto editoriais destinadas exclusivamente para a Internet. São sites jornalísticos que extrapolam a idéia de uma simples versão para a Web de um jornal impresso e passam a explorar de forma melhor as potencialidades oferecidas pela rede. Tem-se, então, o webjornalismo. Marcos Palacios (2001) aponta para o fato do acúmulo das informações ser mais viável técnica e economicamente do que em outras mídias. Sendo assim, o volume de informação diretamente disponível ao usuário é consideravelmente maior no webjornalismo (p. 4).

Com relação à possibilidade de noticiar em tempo real e sempre online, o webjornalismo possui uma especificidade: as pessoas estão acostumadas a uma certa periodização no que se refere à recepção de informações jornalísticas. Em situações

rotineiras, temos edições - tanto de jornais impressos quanto de programas informativos de rádio ou televisão - que acontecem num intervalo de tempo pré-determinado. Em situações excepcionais, ocorrem edições extras. Na Web a situação muda, a atualização das notícias pode ocorrer ininterruptamente. Já não é preciso esperar o jornal de amanhã ou o noticiário da noite. Em qualquer momento é possível acessar um webjornal e ler as notícias que estão sempre atualizadas.

No Brasil, em função do fuso-horário¹⁸ em relação a China, grande parte dos eventos esportivos de Pequim 2008, foram realizados durante as madrugadas, o que fez com que a consulta a trechos gravados e disponibilizados na internet tivesse grande procura. Fora isso, a internet também possibilita acesso a reportagens, imagens e vídeos no local de trabalho ou a qualquer hora do dia, ou seja, não é preciso estar disponível para assistir a uma grande final olímpica no seu horário exato de realização, é possível assisti-la e ter acesso a resultados e performances a todo o momento desde que se tenha um computador com acesso a rede mundial de computadores. Com esses argumentos quero visibilizar o quanto a internet foi uma forma de divulgação “forte” nesses Jogos Olímpicos e tende a ser cada vez mais nas próximas edições do evento.

Outra peculiaridade do webjornalismo é o tipo de interatividade entre a publicação e seu leitor. Tendo em vista que, navegando pelo webjornal e elegendo o próprio percurso de leitura, os usuários têm acesso às informações de um jeito muito diferenciado entre si. É possível dizer que diante de um jornal impresso cada leitor faz o seu percurso de leitura ou que diante da televisão convencional cada pessoa troca os canais - durante o telejornal - de acordo com sua vontade, porém em ambos os casos existe uma unidade proposta.

¹⁸ O fuso-horário do Brasil em relação a China é aproximadamente 12 horas a mais.

No webjornal esta dita unidade proposta é tão complexa - sobretudo pela constante atualização, pelo grande volume de informações e pelo formato hipertextual - que o produto deixa de ser percebido pelos leitores como sendo único. Desta maneira então, as possíveis narrativas a serem construídas sobre um fato, dentro de um mesmo webjornal são tantas que não seguem mais o modelo dos meios de comunicação de massa onde há uma mensagem única disseminada para um público. Cada leitor, então, terá acesso a um conjunto de textos específicos que são determinados pelas suas próprias escolhas na hora da navegação (MIELNICZUK, 2001, p. 6-7).

Apontadas algumas especificidades do webjornalismo, passo agora a caracterizar o Site Terra, o qual pode ser acessado gratuitamente, através do endereço <http://www.terra.com.br>. Nele, estão disponíveis um total de seis canais¹⁹, assim intitulados: Entretenimento, Feminino, Infantil, Informação, Jovens, Masculino e Compras. Interessa para essa pesquisa, que tem como tema de análise as questões de gênero, explicitar que a seção Esportes – onde está o link para os Jogos de Pequim 2008, foi ancorada no canal denominado Masculino²⁰.

Interessante ressaltar, também, que esses dados foram extraídos do site em um outro link denominado “publicidade”, ou seja, as informações sobre os Jogos Olímpicos foram veiculadas em um espaço destinado a quem desejava divulgar produtos ou marcas através do site. Esse mesmo link apresenta dados sobre os perfis de audiência do site de uma maneira geral, indicando porcentagens de público, separados por sexo, idade, região do país e classe social²¹. Lá temos que 48% do público que acessa diariamente o site é composto por mulheres e 52% composto por homens. Quando analisamos o perfil de audiência específico da Seção de Esportes, ancorada no canal Masculino, os números mudam²²: os homens passam a representar 95% do público consumidor dessa seção e as mulheres figuram com apenas 5%. Nesse mesmo link nos deparamos com a informação que a página de esportes recebe,

¹⁹ Informação disponível em: <http://publicidade.terra.com.br/index.php?pagina=canais>

²⁰ Sessões disponibilizadas no Canal Masculino: Carro Online, Economia, Esportes, Tecnologia.

²¹ Disponível em: http://publicidade.terra.com.br/index.php?pagina=perfil_audiencia_terra.

²² Disponíveis em:

http://publicidade.terra.com.br//index.php?pagina=canal_interna&id_categoria_canal=6#canal48

diariamente, 142.778.778 visitas, o que confirma a afirmação do grande alcance e público que webjornalismo é capaz de atrair, tornando-se também, um grande mercado capaz de fazer girar grandes quantias de dinheiro na sociedade contemporânea.

Caracterizado o material empírico e tendo como objetivo analisar as representações de gênero para homens e mulheres atletas, nos textos e imagens midiáticos disponibilizados pelo site Terra, apresento as seguintes questões de pesquisa:

- Quais possibilidades de representações de masculinidades e feminilidades foram visibilizadas e/ou silenciadas acerca dos atletas participantes dos Jogos Olímpicos de Pequim?
- Em que medida as representações relativas à beleza são visibilizadas para homens e mulheres atletas?

A análise de discurso, tanto dos textos quanto das imagens, é a opção metodológica assumida, uma vez que muitos dos conceitos usados no aporte teórico já mencionado, também são utilizados por essa proposta de análise. Entendo a análise de discurso como um campo de pesquisa cujo objetivo é compreender a produção social de sentidos, justificando essa escolha pela importância da aproximação entre estudos da mídia e análise de discurso, a fim de compreender os movimentos discursivos de produção de identidades (GREGOLIN, 2007), neste caso específico, as identidades de gênero.

Essa ferramenta metodológica propõe descortinar textos, rompendo com as estruturas lingüísticas, nos mostrando um “duelo de seleção de sentidos”. Aponta para a exterioridade das palavras, pois é lá que está o discurso, que ora inclui, ora exclui, mas sempre constrói uma vontade de verdade.

O discurso é o caminho de uma contradição a outra: se dá lugar às que vemos, é que obedecem à que oculta. Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições, é mostrar o jogo que nele elas desempenham, é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência (FOUCAULT, 2005, p. 117).

Existe na palavra uma pureza de sentido? O discurso traz muito mais do que seu enunciador pretendia. Dizendo o mesmo de várias formas, ele já é concebido, já nasce filiado a uma rede tecida por outros discursos com semelhantes escolhas e exclusões. Gillian Rose nos fala que os discursos são articulados através de todos os tipos de imagens visuais e verbais, especializadas ou não, bem como através das práticas permitidas por tais linguagens (2007, p.136, tradução livre).

Michael Foucault, em *Arqueologia do Saber* (2005), está interessado em analisar as condições que permitem o aparecimento de certos enunciados e a proibição de outros, destacando que os silenciamentos e as exposições são duas estratégias que controlam os sentidos e as verdades. O autor estabelece as relações entre os dizeres e os fazeres, indicando para que as práticas discursivas materializam as ações dos sujeitos na história.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2008, p. 8-9)

A “discursividade tem, pois uma espessura teórica e, analisar discursos significa tentar compreender a maneira como as verdades são produzidas e enunciadas”. (ROSE, 2007, p. 15, tradução livre)

Um conceito importante aqui é o de sujeito, que, a partir da perspectiva analisada, não é um ser humano individualizado. Ele é um sujeito discursivo que deve ser considerado sempre como um “ser social, apreendido em um espaço coletivo” (FERNANDES, 2005 apud ROSE, 2005, p. 33, tradução livre). Ele, o sujeito, não existe o sujeito sem o discurso, pois é este quem cria um espaço representacional para aquele. Sua relação com o discurso não é de causa e efeito, pois ao mesmo tempo em que o sujeito produz os discursos, estes também produzem o sujeito ou, em outras palavras, ele é inventado pelo discurso através do processo de subjetivação. Essas subjetividades são verdades criadas pelas posições de poder, resultando em modos de regulação dos sujeitos.

A subjetividade não se situa no campo individual, mas no de todos os processos de produção social e material e, conseqüentemente, o sujeito moderno é um consumidor de subjetividade: ele consome sistemas de representação, de sensibilidades. (GREGOLIM, 2007, p. 21)

A linguagem utilizada pela mídia é aqui analisada como uma trama que parece naturalizar sentidos e discursos, produzindo um sujeito que é inventado discursivamente através do processo de subjetivação. As imagens e os textos constroem lugares a serem ocupados por homens e mulheres na sua relação com os outros, ou seja, vão construindo identidades, entendidas aqui como construções discursivas e, portanto, passageiras. A tarefa do analista de discurso é examinar os enunciados. Buscar compreender como determinadas palavras ou imagens ganham certos sentidos e, a partir daí, identificar temas chaves para discutir não só a sua

presença, mas também, a ausência destas, uma vez que “a *invisibilidade* pode ter efeitos tão poderosos quanto a visibilidade” (ROSE, 2007, p. 157-158, tradução livre). Cabe ressaltar que as formações discursivas não possuem uma lógica linear, são complexas e possuem contradições internas. Elas possuem, sim, uma estrutura, mas isso não implica necessariamente que sejam lógicas ou coerentes (ROSE, 2007, p. 155, tradução livre). Analisar essas contradições também é tarefa do/a pesquisador/a.

Apresento, nos capítulos seguintes, as análises do material empírico, imagens e textos, que foram através do meu olhar tecendo, criando e recriando representações. Suas representações, ou melhor dizendo, as representações que fui capaz de enxergar nesse momento, nos contam um pouco sobre como se pode representar atletas contemporâneos nesse tempo e nesse espaço. Antes de passar para os capítulos de análise, passo a destacar como os Jogos Olímpicos foram enunciados pelo Site Terra:

A Olimpíada de Pequim será a mais vista em 112 anos de história, reforçada por uma grande cobertura da internet, disse o comitê Olímpico Internacional (COI) nessa quarta-feira. (...) Timo Lumme diretor de TV e serviços de marketing do COI disse que o uso da Internet tem sido um sucesso. O site do COI recebeu mais visitas na primeira semana dos Jogos de Pequim do que em toda Olimpíada de Atenas. (JOGOS DE PEQUIM TEM RECORDE DE AUDIÊNCIA, INTERNET É DESTAQUE, 2008, s.p.)

O trecho apresentado acima, da reportagem veiculada em 20 de Agosto de 2008, ilustra o alcance que as notícias sobre os Jogos Olímpicos de Pequim alcançaram via internet. Milhares de acessos diários a imagens e textos sobre resultados, conquistas, fracassos... A visibilidade que as páginas da internet são capazes de dar confere a esse artefato pedagógico, um status privilegiado dentro de uma cultura geral da mídia. Para Douglas Kellner (2006) ela, a cultura da mídia, não aborda apenas grandes momentos da experiência contemporânea, mas também

oferece material para fantasia e sonho, influenciando pensamento e comportamento, assim como construindo identidades. O autor cita os Jogos Olímpicos como um dos rituais que celebram os valores dominantes da sociedade contemporânea.

A grande maioria das reportagens e imagens disponibilizadas pelo Site Terra apresenta atletas e suas performances, a exemplo dos trechos abaixo descritos:

O boxeador brasileiro Paulo Carvalho estreou bem em Pequim, ao bater por 13 a 7 o marroquino Redouane Boutchtouk, na categoria peso mosca ligeiro (ate 48Kg). No primeiro assalto o brasileiro saiu na frente com um golpe de direita, mas o marroquino se recuperou e antes de soar o gongo, conseguiu empatar. Na volta do segundo round, ambos os lutadores voltaram agressivos e buscando a pontuação de empate. (BRASILEIRO PASSA POR MARROQUINO NA ESTREIA DO BOXE , 2008, s. p.)

Estava terminado o favoritismo e o sonho do ouro olímpico brasileiro. Restava então a briga pelo bronze, contra as donas da casa: as chinesas Chen Xué e Xi Zhang. Empurradas pela torcida, as anfitriãs não deram chances as brasileiras e aplicaram mais um 2 a 0, fazendo as meninas do Brasil voltarem de Pequim sem nenhuma medalha no peito. Não decisão pelo ouro, mais chinesas e, é claro, Walsh e May. Confirmando o favoritismo, as norte-americanas levaram a melhor e faturaram o bicampeonato olímpico. (BRASIL FICA SEM MEDALHA ENTRE AS MULHERES NA AREIA, 2008, s. p.)

Pensando em números, a maioria das imagens veiculadas no Site apresenta atletas em movimento, realizando gestos esportivos próprios às modalidades que praticam, ou ainda, os/as atletas em momento de comemoração por seus resultados, inclusive demonstrando suas emoções ao obter um lugar ao pódio. O atleta olímpico é valorizado, seus feitos são distribuídos, repartidos e, de certo modo, atribui-se grande valor a eles, na medida em que são largamente midiaticizados esses feitos. São corpos adequados para serem visibilizados sobretudo porque evidenciam sua

condição de atletas olímpicos²³. As imagens, capturam, enchem olhos e despertam emoções em nós, “webespectadores”. É um show visual da elite do esporte mundial em todas as modalidades olímpicas. O quadro a seguir, representa um pouco desse material visual que nos foi ofertado pelo Site.



Figura 02: Montagem de fotos disponibilizadas no site Terra
Fonte: www.terra.com.br/pequim2008

²³ Sobre o “Mito do Atleta Olímpico” sugiro a leitura de: RUBIO, Kátia. *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo*. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

Ressalto que não só os atletas brasileiros/as foram assim exibidos: atletas de basquete em vôo, ginastas em seus movimentos espetaculares, a velocidade dos corredores e outras tantas possibilidades corporais que exaltam virtudes físicas dos/as atletas, sem pesar se eles são homens ou mulheres. Existe, pois, de uma maneira geral, uma representação de atleta olímpico em que as questões de gênero não figuram como marcadores principais, antes de existir lugares e possibilidades para homens OU mulheres, existem lugares e possibilidades de homens e mulheres na condição de atleta. É essa representação de atleta que impera ao longo da cobertura desse artefato midiático nos 17 dias de Jogos.

Porém, existem outras representações que reverberam nesses textos e imagens, e as que interessam aqui são aquelas relacionadas as representações de masculinidades e feminilidades coladas aos/as atletas olímpicos. Como nos diz Silvana Vilodre Goellner:

É inquestionável a visibilidade que o esporte, nas suas mais diferentes dimensões, tem na cultura contemporânea. Tornou-se um território de exposição de corpos masculinos e femininos que, ao exibirem-se e serem exibidos, educam outros corpos. Educam a consumir produtos e serviços, idéias e representações (de saúde, sensualidade, beleza, sucesso, etc.), a desfilarem marcas, a padronizar gestos, a comercializarem-se, a fabricar imagens heróicas, a expressar emoções, a superar limites, a criar necessidades e a também vender o próprio corpo como um dos produtos de uma sociedade que valoriza o espetáculo, o consumo, a estética, a juventude e a produtividade. Educam, também, masculinidades e feminilidades (2007, 189-190)

Não podemos duvidar da eficiência dessas representações mesmo elas aparentando “sutileza”, não é por aparecer em menor número se relacionadas às hegemônicas, que seu poder de persuasão é diminuído. As representações diferenciadas para homens e mulheres atletas e suas – supostas – linearidades com os

masculinos e os femininos também podem ser percebidas ao longo dos acessos ao site Terra. Esses textos e imagens que escapam ao padrão de representação esportiva nos dizem muito sobre as representações de gênero que a mídia confere a homens e mulheres atletas olímpicos. Manuel Castells assim resume essa conexão entre as possibilidades de classificação durante nossa época, que ele atribui o nome de “era da informação”:

A era da informação é a nossa era. É um período histórico caracterizado por uma revolução tecnológica centrada nas tecnologias digitais de informação e comunicação, concomitantemente, mas não causadora, com a emergência de uma estrutura social em rede, em todos os âmbitos da atividade humana, e com a interdependência global dessa atividade. É um processo de transformação multidimensional que é ao mesmo tempo incluyente e excluyente em função dos valores e interesses dominantes em cada processo, em cada país e em cada organização social. (CASTELLS, 2006, p. 225)

A vertente pós-estruturalista recorre à terminologia gênero, sem utilizar termos como papéis sexuais ou estereótipos, uma vez que os utilizando estaríamos escrevendo sobre uma identidade naturalizada a partir da biologia dos corpos. Deixando de lado expressões “fixas” como essas, ao analisar as representações de gênero dentro dessa perspectiva teórica, há a possibilidade de examinar as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e feminilidades, sem precisar atribuir padrões normatizados de comportamento estabelecido para homens e para mulheres de acordo com diferentes épocas e culturas.

Ao focalizar o gênero como uma categoria analítica problematizo, nesta pesquisa, os modos como atletas homens e mulheres foram representados em um artefato midiático específico – o Site Terra. A partir deste recorte construí o material empírico sobre o qual debrucei meu olhar, privilegiando textos e imagens que, cotidianamente, veiculavam informações acerca dos/as atletas olímpicos.

Feitas essas considerações passo, então, a articular a teoria com a empiria, para demonstrar as coisas novas que apenas nascem da interação com meu objeto de investigação (CORAZZA, 2006). Da análise detalhada das fontes empíricas emergiram dois temas como bastante recorrentes: as representações de masculinidades e feminilidades produzidas e reproduzidas para os/as atletas e questões afetas a beleza de seus corpos. É sobre esses temas que escrevo nos capítulos a seguir.

4 OS “FERAS” E AS “BELAS”: MASCULINIDADES E FEMINILIDADES EM EXIBIÇÃO

Em meio à representação hegemônica de atleta olímpico, palavras e imagens, nos indicam as masculinidades e feminilidades confiadas a homens e mulheres atletas na sociedade contemporânea. São discursos que acabam por nos dar indícios de como se espera que os corpos sejam visibilizados enquanto corpos ditos masculinos OU femininos. Nas palavras de Silvana Vilodre Goellner:

Eles, os discursos, se acomodam no corpo e os generificam. Os corpos fazem-se femininos e masculinos na cultura e essas representações, apesar de serem sempre transitórias, marcam nossa pele, nossos gestos, nossos músculos, nossa sensibilidade e nossa movimentação (GOELLNER, 2007, p. 183)

Digo, para começar, que marcam também seus destinos. As conquistas olímpicas acabam por despertar vontades de futuro dos atletas, que foram assim enunciadas pelo site Terra:

Medalista de ouro nos 50 metros livre e bronze nos 100 m. Assim retornou da capital chinesa o nadador César Cielo Filho, que logo em sua primeira Olimpíada conquistou feito inédito na natação nacional: o Brasil jamais havia tirado das águas uma medalha dourada. De volta ao país, o atleta foi homenageado em São Paulo, onde treinou durante dois anos e meio, e afirmou que gostaria de alavancar o esporte em território nacional, tal qual fez Gustavo Kuerten com o tênis, depois de ser campeão em Roland Garros, em 1997. “Espero que haja uma ‘Cielomania’ sim”, disse Cielo, 21 anos, que já tem sentido a diferença de ser campeão olímpico. CAMPEÃO, NADADOR ESPERA “CIELOMANIA”, 2008, s.p.)

Com o resultado as velejadoras esperam ser exemplo. “Espero abrir as portas para a vela feminina, e que isso sirva de motivação para que as meninas venham a praticar o esporte”. (...) Sobre o futuro, a velejadora afirmou que deseja concluir seu curso na Universidade Federal Fluminense. “Quero me formar no fim do ano em cinema e depois me entregar de corpo e alma ao esporte”. (BRASILEIRAS DA VELA JÁ “APROVEITAM” MEDALHA OLÍMPICA, 2008, s.p.)

Nos trechos acima identificamos a preocupação que, tanto o nadador quanto as velejadoras, têm em servir de exemplo aos mais jovens e difundir as modalidades que praticam no seu país. É uma preocupação “de atleta”, recorrente em outros trechos das reportagens dos dias de realização dos Jogos. Para as atletas mulheres existe a vontade de ver o esporte feminino ganhar adeptos e visibilidade, uma vez que, historicamente, o campo esportivo tem sido um espaço onde se investem muitos esforços para mantê-lo como masculino e para homens. São influências que ainda hoje reverberam nas representações possíveis de serem pensadas no cenário esportivo e continuam a diferenciar a participação e os modos de se fazer ver homens e mulheres atletas. Sobre essa diferenciação, Silvana Vilodre Goellner escreve:

Os argumentos que justificam a inserção e ou exclusão de homens e mulheres em determinadas modalidades esportivas estão inscritos na ordem do biológico... Seus corpos, suas carreiras e sua persistência no campo tido como “deles” acaba por colocar às claras que a representação de feminilidade construída e ancorada na exacerbação a determinados atributos como a graciosidade, a harmonia das formas, a beleza, a sensualidade e a delicadeza não passa de uma construção cultural que, inclusive, o próprio desenvolvimento tecnológico do esporte já permitiu destruir. (2007, p. 34)

Teoricamente, colocando a biologia como uma barreira já ultrapassada, como aponta a autora, passamos a perceber o quanto os lugares e modos de enunciar são construídos histórica e culturalmente. Fazer história e contá-la como parte da cultura é o desejo das atletas mulheres que vêm em suas conquistas a chance de fazer os

esportes que praticam ganhar maior apoio e visibilidade, conforme podemos observar nos excertos a seguir:

“A vela já tinha uma história de tradição nos esportes olímpicos, como a maior vencedora dentre todas as modalidades, por causa das medalhas dos homens. Agora mostramos que as mulheres também podem”²⁴

“É um incentivo para as gerações que estão por vir, é prova de que o atletismo feminino está evoluindo muito”²⁵

“Essa medalha trará muita coisa boa. As mulheres vêm mostrando uma evolução e daqui para frente isso vai melhorar. (...) Sempre o feminino é desacreditado, ou colocado antes do masculino. Mas agora com essa medalha, e a gente em quarto, isso demonstra bastante que evoluímos bastante em uma Olimpíada”²⁶.

Esses fragmentos de reportagens ilustram o quanto narrar conquistas de mulheres atletas é importante para que elas ampliem os espaços de visibilidade no cenário esportivo: ganhando adeptas, espectadores, incentivos políticos e financeiros e outras tantas formas possíveis de que sua entrada e permanência no esporte seja incentivada.

²⁴ Reportagem sob o título: VELEJADORAS ESPERAM DIFUSAO DO ESPORTE. Disponível em: [HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3130183-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3130183-EI10378,00.html). Acesso em 04 de set.2008.

²⁵ Reportagem sob o título: APÓS OURO DE MAURREN, CENTRO DE TREINAMENTO DEVERÁ SER CONSTRUÍDO. Disponível em: [HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3129054-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3129054-EI10378,00.html). Acesso em 04 de set.2008.

²⁶ Reportagem sob o título: BRASILEIRAS ACHAM 4º. LUGAR INGRATO. Disponível em: [HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3125954-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3125954-EI10378,00.html). Acesso em 05 de set.2008.

Mesmo que hoje se possa perceber uma certa ampliação no que respeita sua aparição na mídia, em função inclusive de suas vitórias e conquistas, ainda há, nesse mesmo espaço, discursos que as diferenciam dos atletas homens em termos de importância e significação para o esporte nacional.

Analisando ainda os dois primeiros trechos apresentados, ressalto a parte final da segunda reportagem, onde lemos que a expectativa de uma das velejadoras, extrapola seu lado atleta e parte para sua vida pessoal. Ela anuncia sua vontade de concluir seu curso superior na faculdade de cinema. Nos textos analisados, em nenhum momento aparecem preocupações pessoais de atletas homens em relação a seu futuro pessoal, eles falam sempre dentro do ideal de atleta olímpico. Sobre as expectativas das atletas mulheres, apresento também a reportagem na qual a atleta campeã olímpica no salto com vara, Isinbayeva, se diz preocupada em dividir experiências com os mais jovens, mas aponta para o que pretende do seu futuro expressando a vontade que tem de ser atriz como sua opção profissional.

Quando terminar a carreira, ela quer ser atriz de cinema. "Primeiro quero dividir minhas experiências com os mais jovens. Depois ainda quero muitas coisas. Quero ser atriz, mas posso estar muito velha, não?", pergunta. Ao ser questionada sobre o tipo de filme que gostaria de atuar, responde: "Ação ou comédia. Mas nada de comédia estúpida". (MUSA DO ATLETISMO, ISINBAYEVA QUER SER "ATRIZ", 2008, s.p.)

Entendo que essas falas são reflexos do que acompanhamos na sociedade atual: uma preocupação das mulheres com sua formação profissional, com a necessidade de aprofundar seus estudos e com isso, constituir uma carreira profissional sólida. Esse ideal para as mulheres, que não era comum em décadas anteriores, não é encontrado nas reportagens para os homens, uma vez que para eles o mercado de trabalho é tido como um destino quase que natural, por serem homens.

Para as mulheres, a inserção no espaço público foi uma conquista visto que, historicamente, as distinções de gênero, grosso modo, localizam as tarefas e funções femininas no contexto do privado: o cuidado com o lar, a educação dos filhos, etc.

Esse “destino” parece ainda reverberar atletas olímpicas na medida em que ser mãe aparece, não raras vezes, com destaque. As reportagens e fotos que abordam o tema da maternidade trazem importantes pontos que merecem ser discutidos e problematizados, levando em consideração que estamos entendendo a mídia como uma importante pedagogia cultural, ocupando uma posição central no processo de constituição do sujeito contemporâneo, nos modos de ser homem e mulher, inclusive nos de ser pai, mãe e gestante.

Para Maria Simone Schengber (2008, p. 4) as práticas esportivas (como os campeonatos e as olimpíadas) ajudaram a problematizar o mito do sexo frágil para as mulheres. A autora cita o exemplo, nos anos de 1980, de Isabel, jogadora de voleibol de alto rendimento da seleção brasileira, que continuou atuando nas quadras durante todos os nove meses da gestação. Passados mais de 20 anos desse acontecimento, ainda são reproduzidos discursos que tencionam a carreira de atleta com a função da maternidade.

Em reportagem veiculada pelo site Terra no dia 12 de Agosto de 2008, lemos: “Desde que conquistaram o ouro nos Jogos de Atenas 2004, as duas jogadoras dos EUA se casaram e, apesar de quererem dar o próximo passo no que se trata de família, estão divididas sobre o quanto poderiam jogar como mães”²⁷.

²⁷ Reportagem sob o título: BEBÊS PODEM ACABAR COM DUPLA DOS EUA. Disponível em: [HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3080565-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3080565-EI10378,00.html). Acesso em 08 de set.2008.

Por mais que exemplos como o da jogadora Isabel ajudem a problematizar a questão, ainda existe um “temor” de que mulheres que praticam esportes e façam dele sua carreira profissional apresentem muitos impeditivos para serem boas mães.

Talvez, por essa razão, nos Jogos Olímpicos de Pequim, as mães-atletas, ganharam o título de “supermães”, como pode ser percebido no excerto a seguir:

Mães do mundo, levantem-se e aplaudam a maratonista britânica Paula Radcliffe e a nadadora norte-americana Dara Torres, que competiram na Olimpíada neste domingo. Radcliffe, de 34 anos, detentora do recorde mundial, e Torres, a mais velha nadadora norte-americana aos 41 anos, estão entre o número crescente de mães atletas competindo em Pequim, provando que bebês não significam o fim para a elite esportiva. Talvez até ajude ser mãe. (...) Um estudo com mães da elite do esporte feito pela Universidade Massey, na Nova Zelândia, apresentado em uma conferência de gerenciamento esportivo no ano passado, descobriu que o número de mães envolvidas em esporte de alto nível aumentou na última década, mas não ofereceu cifras. CORPO OU MENTE? Ainda não há consenso se as mudanças físicas durante a gravidez podem reforçar a capacidade aeróbica e melhorar o desempenho feminino depois de dar à luz ou se o impacto mental do parto é um fator de melhoria do desempenho pós-parto. (SUPERMÃES DEIXAM SUA MARCA EM PEQUIM, 2008, s.p.)

Mesmo tendo apontando o esporte como uma possibilidade de fortalecer o corpo da mulher, a mídia parece ainda evidenciar discursos naturalizados sobre a maternidade tendo como foco questões relacionadas aos aspectos biológicos do corpo e sua influência sobre o desempenho esportivo. A diferença é que agora, a biologia é utilizada para justificar a inclusão das mães atletas. Se em outros tempos a natureza do corpo feminino era a responsável pelo não aconselhamento de práticas esportivas para mulheres, hoje, se recorre à mesma natureza para aprovar o quanto ser mãe pode auxiliar o desempenho esportivo das mulheres. Ora, se optamos por explicar, baseados na biologia dos corpos, que mulheres mães podem e devem praticar esportes, vemos o quanto esse discurso se torna frágil. Anatomicamente o corpo de

uma mulher é o mesmo hoje do que a décadas anteriores. É o mesmo corpo que hoje pode ser mãe e atleta, não por ter mudado sua anatomia, mas por passar a ser socialmente aceito desse modo inclusive porque o desenvolvimento científico associado ao treino esportivo fez ver que essas funções não são incompatíveis. Nesse sentido o que se vê nas reportagens são questões relacionadas não apenas ao corpo, mas o que dele se representa.

Outra questão a ser analisada sobre a maternidade é, através das páginas do site, o significado atribuído a ser mãe ou pai para os atletas olímpicos. Durante os Jogos de Pequim, uma mãe em especial e sua filha, tiveram grande espaço na mídia brasileira. Falo de Maurren Maggi e sua filha Sofia. A mãe, campeã olímpica no salto em distância, primeira mulher a conseguir uma medalha individual para esporte nacional. Em várias falas ganha destaque Sofia, que é representada como a filha que foi uma das principais responsáveis pela conquista da mãe, mesmo preferindo que a atleta voltasse para a casa com a medalha de prata. Vejamos:

“O que aconteceu foi uma fatalidade. E hoje eu tiro o lado positivo daquilo tudo. Eu não pararia para ter minha filha (Sofia, de três anos e meio), eu teria continuado competindo. E ela me dá uma força que vocês não têm idéia, ela tem a ver com o que aconteceu aqui hoje, é a minha razão de existir”, encerrou. (MAURREN GUARDA PAREDE EM CASA NOVA PARA OURO, 2008, s.p.)

“Minha filha queria prata, mas o ouro é muito melhor”, destacou a saltadora, que melhorou as expectativas iniciais da filha. A filha é de certa forma um dos motivos para a recuperação da atleta. Após ficar dois anos suspensa por ser flagrada positivamente no antidoping, Maurren planejava encerrar a carreira para cuidar da família que planejava iniciar com Antonio Pizzonia, ex-piloto de fórmula 1 e seu ex-marido. (...) “A Sofia disse que me ama muito, mas brigou comigo e disse que queria a medalha de prata. Eu falei ‘filha, deixa a de ouro!’ Ela disse ‘te amo muito’ e eu ‘te amo mais!’ Filha obrigada por existir na minha vida”, explicou Maurren aos prantos. (“MINHA FILHA QUERIA PRATA”, BRINCA MAURREN, 2008, s.p.)

O espaço e a ênfase dada à mãe e filha, nos dizem o quanto, ainda hoje, é necessário reforçar continuamente o amor que uma mãe sente por seu filho e, mais que isso, o quanto é possível ser uma “boa mãe” mesmo sendo atleta. A maternidade é assunto recorrente nos textos e imagens analisados, visto que não há somente a necessidade de evidenciar que as atletas podem ser boas mães, mas também a necessidade de dizer, repetidamente, que além de serem capazes de gerar filhos, elas são e serão capazes de criá-los dentro das expectativas em torno do tratamento que uma mãe deve dar a sua prole.

A reportagem de 22 de Agosto enfatiza a preocupação de Maurren em conciliar as viagens previstas em seu calendário como atleta com a rotina de sua filha: “Com calendário cheio, a brasileira já tem competição marcada para 2 de setembro em Lousanne, na Suíça. ‘A gente (Maurren e a filha Sofia) ficou de ir para a Disney (EUA) em outubro, vamos ver se dá certo”²⁸.

Lisandra Espíndula Moreira e Henrique Caetano Nardi (2008, p.1) desenvolveram uma pesquisa com o objetivo de compreender os enunciados relativos à maternidade que configuram o que chamamos de “norma” da maternidade. Norma essa que possibilita uma idéia de unidade materna, configurando um único modo de ser mãe como o mais adequado e legítimo. Os autores fazem uso do ditado popular: “Mãe é tudo igual, só muda de endereço” e, a partir dele, questionam o que torna possível pensar que mulheres inseridas em diferentes contextos sociais, ao se tornarem mães, passam a ter uma suposta igualdade que as identifica.

²⁸ Reportagem sob o título: MAURREN VAI LEVAR BANDEIRA DO BRASIL NA FESTA DE ENCERRAMENTO. Disponível em: [HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3125912-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3125912-EI10378,00.html). Acesso em 05 de set.2008.

Penso que esse exercício vale também para essa dissertação: o que torna possível pensar que atletas mães serão iguais a mães que não são atletas? Ou seja, ser mãe estaria acima de qualquer diferença de classe, gênero, raça/etnia e outras... Quando se torna mãe nada disso é levado em conta, pois se espera que mesmo com histórias de vida (endereços) diferentes, por terem se tornados mães, passam a ser iguais. Ou seja, cumpre-se o imperativo de que a maternidade se não foi, será o destino de toda mulher mesmo no esporte.

Ao analisar as imagens divulgadas pelo Site Terra, chama atenção o fato de somente terem sido fotografadas mães com suas/seus filhas/os. Em nenhuma fotografia enxergamos pais com suas/seus filhas/os. Isso demonstra a naturalização que se faz acerca da representação de que só a mulher é responsável pelos cuidados com os filhos/as e que esse local social – a maternidade – lhe dignifica e completa.



Figura 03: Brasil deixou ouro com EUA na final (24 de Agosto de 2008)

Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI72730-EI10378,00.html>

Acesso em 05 de set. 2008.

Sob a legenda: “Americanas levaram até os filhos para o pódio do ouro” a imagem retrata as jogadoras de futebol feminino americanas com as medalhas de ouro no peito e seus filhos/filhas participando da conquista olímpica das mães. Longe de ser inocente, essa imagem nos fala da necessidade de mostrar a possibilidade de conciliar a vida de atleta e a vida de mãe, ou ainda, de mostrar a possibilidade de se representar como mãe e atleta, a mesma pessoa. Sobre essa relação entre função pública e espaço privado, Roberta Carolline Valle da Trindade e Lamartine Pereira da Costa (2004), tecem as seguintes considerações:

Apesar de serem capazes de realizarem-se nessas duas dimensões, permanece o conflito e o sentimento de culpa de quem não pode estar integralmente vivenciando a maternidade. Podemos constatar claramente em seus relatos o desejo de manterem-se no espaço público, porém carregam o mito do amor materno como algo insubstituível e procuram da melhor maneira possível desdobrarem-se e se fazerem presentes, em uma tentativa de aplacar a culpa por não seguirem o modelo da maternidade que foi construído e reforçado durante anos em nossa cultura. Desta forma, temos mulheres divididas emocionalmente, que constroem múltiplas identidades para poder dar conta de seus inúmeros compromissos da vida cotidiana, em casa e no trabalho (p. 152)

Ainda sobre a Figura 03, quero pensar que ela ainda tem mais a nos dizer. Ela me remete a pensar o quanto atletas de futebol, modalidade ainda tida como de domínio masculino, podem ser “femininas”, nesse caso, sendo mães. Essa recorrente forma de representar atletas que se envolvem em modalidades de/para homens parece refletir uma certa necessidade de investir no reforço de uma dada feminilidade ligando a elas atributos femininos. Nesse caso, a maternidade dá uma certa “segurança” assertiva de que atletas continuam a serem mulheres, mesmo jogando futebol.

E a paternidade? Ela é exposta por esse artefato midiático? E de que modo? Ao vasculhar todo o material empírico, identifiquei duas reportagens que fizeram

menção aos filhos de atletas homens. Ambas mencionavam os filhos já em seus títulos. Uma delas, datada de 14 de Agosto, afirma: “Cheguei a pensar em meu filho em dois momentos nesta luta. Ele é uma alegria enorme. Quando penso nele, fico muito emocionado”, afirmou o atleta²⁹. A outra, veiculada no dia 09 de Agosto, apresenta somente uma frase que faz menção ao filho – que nasceu já quando o boxeador estava em Pequim – para, na sua continuidade, fazer uma longa descrição técnicas da luta³⁰. Sem fotos e com poucas linhas em apenas duas reportagens das publicadas no Site, a paternidade está visibilizada e, de modo diferente do que a maternidade: para eles não existe a preocupação de ser atleta e pai ao mesmo tempo. Ou ainda, a paternidade não é um “destino”, mas algo que talvez possa lhes complementar.

Analisando as questões ligadas à maternidade e paternidade, nos tempos atuais, baseadas nos enunciados de encartes de jornais e revistas, a autora Cláudia Amaral dos Santos (2008), propõe as expressões *Mothers* e *Fathers* para designar mães e pais modernos e aponta para uma igualdade de responsabilidades entre homens e mulheres na tarefa de criação dos filhos. Ao analisar os textos e imagens veiculados pelo site durante a realização dos Jogos Olímpicos de Pequim, percebi que essa “modernização” não chegou às mães e pais atletas, pois para estes ainda existem, explicitamente, diferenças nas formas de ser pai e mãe. Isto é, se anuncia a paternidade de modo diferente da maternidade quando se é atleta.

Nessa reportagem parece ainda imperar um discurso essencialista, colando, a cerca das funções sociais de homem e mulher, a maternidade ao feminino e fazendo menção da paternidade ao masculino. Ressalta-se um tipo de conduta apropriado a

²⁹ Reportagem sob o título: WASHINGTON SILVA ATRIBUI VITÓRIA AO FILHO. Disponível em: [HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3091875-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3091875-EI10378,00.html). Acesso em 08 de set.2008.

³⁰ Reportagem sob o título: BOXEADOR BRASILEIRO DEDICA 1ª. VITÓRIA AO FILHO. Disponível em: [HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3069135-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3069135-EI10378,00.html). Acesso em 08 de set.2008.

mães e outro, também singular, atribuído aos pais. Deixando de lado essa lógica binária de pensamento, que é a linha teórico-metodológica dessa pesquisa, temos a possibilidade de alargar os olhares, permitindo que múltiplas formas de maternidade e paternidade passem a ser aceitas e noticiadas pela mídia. Pais atletas também podem ser vistos no pódio com seus filhos sem que com isso se ponha em suspeição suas masculinidades e mães atletas não precisam ser flagradas com seus filhos para que se acredite que, além de grandes atletas, possam também ser grandes mães.

Para além da maternidade, outra representação de feminilidade produzida e reproduzida pelo Site foi localizada no corpo e na gestualidade das mulheres, cujo destaques mencionavam beleza, graciosidade, elegância e beleza – atributos naturalizados como femininos. A reportagem abaixo é exemplo dessa diferenciação:

Nastia Luikin ganhou cinco medalhas olímpicas com suas elegantes rotinas. (...) Seu estilo e sua constituição frágil, a fazem flutuar como uma bailarina, mesmo com o código de pontuação exigido um alto grau de dificuldades, deixando um pouco de lado o aspecto artístico da ginástica. (LUIKIN RESGATA A BELEZA DOS MOVIMENTOS DA GINÁSTICA, 2008, s. p.)

Ao apresentar esse texto, quero problematizar essa naturalização contrapondo-o com outras representações que apareceram em algumas reportagens veiculadas pelo Site. Se por um lado há produção de uma representação de atletas mulheres na qual se exaltava elegância, leveza, graciosidade, com a entrada nos Jogos Olímpicos de novas modalidades tais como o BMX³¹, outras representações são possíveis para as atletas. Segundo Silvana Vilodre Goellner (2006):

³¹ BMX é uma forma de ciclismo ou de determinado tipo de bicicleta geralmente que fazem o uso de rodas de 20 polegadas, inéditas em jogos olímpicos, para homens e mulheres.

No campo do esporte a referência à beleza é, também, facilmente encontrada nos discursos e imagens que circulam na mídia e em outros espaços. De um lado há a identificação de que o esporte é um *locus* privilegiado para a construção de corpos hígidos, saudáveis, belos, potentes, velozes, dinâmicos... De outro, há a necessidade de, quando a alusão for ao esporte feminino, dizer da beleza dos corpos das mulheres. (...). No caso do esporte: seja atleta, mas bela e se, possível, feminina. (GOELLNER, 2006, p. s.p.)

No caso do BMX o Site também disse: seja corajosa, não tenha medo. O discurso produzido para as atletas dessa modalidade borra a fronteira da fragilidade feminina. É uma modalidade considerada “radical”, “de aventura”, o que exige de seus praticantes, tanto homens quanto mulheres, coragem.

Na reportagem que circulou no site em 20 de Agosto percebemos uma fala da campeã mundial da modalidade: “Exibindo vários piercings, Reade não soube explicar sua queda, mas quando perguntada se teve medo na largada para a segunda corrida, ela foi enfática: “nunca tenho medo, nunca tenho medo”³². Para essa modalidade a diferença em representar os praticantes pelo seu sexo, está na necessidade de dizer que as mulheres que praticam não tem medo, para os homens, não há essa mesma necessidade, afinal, coragem é um atributo já tido histórica e culturalmente como masculino. É preciso deixar claro que as mulheres que praticam BMX não são as mesmas que estamos acostumados a privilegiar em nossas mídias, no lugar da delicadeza, está a destreza; no lugar do comedimento, a coragem.

Enxergo aqui, então, a coragem como um atributo ligado cultural e historicamente, as masculino e ao feminino, ainda que muitas vezes não seja assim representado. A menção a essa reportagem se justifica porque, de certa forma, ela tenciona a naturalização dos atributos tidos como masculinos e femininos e faz ver que as mulheres, ao participar de uma modalidade como o BMX atravessam

³² Reportagem sob o título: BATIDAS, VÔOS, EMOÇÃO E HEMATOMAS MARCAM ESTRÉIA DO BMX. Disponível em: [HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3115279-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3115279-EI10378,00.html). Acesso em 05 de Set. 2008.

fronteiras e rompem essa representação. Se graciosidade e elegância são evidenciados como atributos femininos ligados à gestualidade das atletas, a forma de exibir seus corpos aparece também como um modo de reforçar uma representação naturalizada no feminino

No dia 14 de Agosto, o título de reportagem chamou minha atenção: “Atletas olímpicas tiram roupa e viram sensação na Alemanha”. Segue o texto: “No entanto, as garotas roubaram a cena não por terem ganho alguma medalha nos Jogos de Pequim, mas sim por terem ficado sem roupa em uma edição da Playboy”³³. Acompanha a reportagem, a imagem a seguir:



Figura 04: Atletas alemãs tiram a roupa para Playboy (14 de Agosto de 2008)

Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI71758-EI10378,00.html>

Acesso em 08 de set. 2008.

³³ Disponível em: <HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3093191-EI10378,00.html>. Acesso em 08 de set. 2008.

Essa mesma imagem está disponível na seção “Fotos”, também divulgada no dia 14 de Agosto, sob a legenda: “A judoca Romy Tarangui deixou o quimono de lado para também exigir seu corpo”. Na reportagem a judoca é fotografada com vestimenta apropriada à modalidade que pratica. O interessante é perceber que, conforme a legenda esclarece, esse tipo de uniforme não permite que a atleta exponha seu corpo.

Ao trazer essa reportagem à análise, quero pensar a cerca dos investimentos na exibição dos atletas, destacando a questão dos uniformes esportivos. Roupas justas e curtas, fabricadas em tecidos colados ao corpo promovem a exposição dos corpos e seus contornos musculares desejáveis, já o quimono, por exemplo, exige sua retirada para que o corpo feminino possa ser revelado, tal como explicita a legenda da foto acima.



Figura 05: Jogadoras de vôlei roubam a cena (15 de Agosto de 2008)

Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI71918-EI10378,00.html>

Acesso em 07 de set. 2008.

Já a imagem das “Jogadoras de vôlei que roubam a cena” permite visibilizar os corpos femininos desejáveis mesmo durante sua performance esportiva. Acompanha a Figura 05 a legenda: “Uniforme de italianas destaca a forma das atletas”. Ora se os próprios uniformes já modificam sua aparência de modo a evidenciar as “formas femininas”, a mídia em geral e o Site Terra, em particular, exploram essa questão. Aqui, interessante pensar que nem sempre os uniformes femininos foram diferentes dos masculinos. No vôlei, por exemplo, por muito tempo, as roupas usadas eram praticamente as mesmas para homens e mulheres. Em algumas modalidades esportivas isso ainda pode ser percebido, a exemplo do futebol e das lutas em geral.

Ao analisar as representações de gênero no esporte, identifico o uniforme como uma possibilidade de reforçar representações de masculinidades e feminilidades hegemônicas. O vôlei, por exemplo, permite essa reflexão dado os ajustes realizados nos uniformes femininos o que, de certo modo, indica que atletas “femininas” possam praticar uma modalidade que exige força e vigor, uma vez que os esportes coletivos e de quadra, geralmente são apontados como de domínio masculino. O vôlei de praia é outro exemplo em que o uniforme serve como uma possibilidade de mostrar que além de atletas, as mulheres também são femininas, visto que, grosso modo, as imagens veiculadas no Site, ressaltam os minúsculos uniformes e os corpos torneados, bronzeados e performáticos – no próximo capítulo, aprofundo essa discussão.

Agora, voltemos o olhar a Figura 04. É necessário ver, através do uso quimono, que as atletas judocas são femininas? Ou, a pergunta talvez seja outra: porque é mais fácil enxergar corpos femininos embaixo de roupas coladas ao corpo do que ocultadas sob um quimono? É possível pensar que no judô, um esporte masculino e masculinizado, parece não haver a preocupação em se visibilizar as

mulheres que o praticam como femininas. Afinal, como alerta a legenda: “Para exibir seu corpo, a atleta alemã deixou seu uniforme de competição de lado”.

A partir dos apontamentos acima, o judô, em especial, me instigou. As imagens de atletas mulheres veiculadas no Site são sempre em ação; nenhuma escapa a esse tipo de representação. As reportagens enfatizam descrições técnicas dos embates das judocas, a exemplo do trecho selecionado, seguido por duas imagens que ilustram o que acabo de apontar.

A judoca Edinanci Silva passou pela terceira adversária na repescagem dos Jogos Olímpicos de Pequim, nesta quinta-feira, e irá disputar a medalha de bronze na categoria até 78 quilos. A vítima da vez foi Lkhamdegd Purevjargal, da Mongólia. Com isso, a brasileira poderá faturar a quarta medalha para o País no esporte. Antes de derrotar a judoca da Mongólia, Edinanci Silva venceu por ippon a italiana Lucia Morico, medalha de bronze em Atenas. A brasileira se despediu da briga pelo ouro na categoria até 78 kg, depois de ser derrotada nas oitavas-de-final pela espanhola Esther San Miguel. Na primeira luta da repescagem, a brasileira passou pela russa Vera Moskalyuk após conseguir dois yukos. A russa ainda foi punida com um koka. Vera foi campeã européia em 2006 e vice em 2007 e 2008. (EDINANCI VENCE E LUTARÁ PELO BRONZE EM PEQUIM, 2008, s.p.)



Figura 06: Com derrota, Edinanci perde o bronze (14 de Agosto de 2008)
Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI71659-EI10378,00.htm>
 Acesso em 10 de out. 2008.



Figura 07: Ketleyn Quadros ganha primeiro bronze no Brasil (11 de Agosto de 2008)
Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI71238-EI10378,00.htm>
 Acesso em 12 de out. 2008.

Respectivamente sob as legendas: “Antes de derrotar a judoca da Mongólia, Edinanci venceu por ippon a italiana Lucia Morico, medalha de bronze em Atenas” e

“Brasileira aplica o golpe final em cima da australiana”, percebemos que tanto as imagens quanto os textos em nenhum momento dizem sobre uma possível feminilidade para essas mulheres. O discurso sobre o feminino é silenciado, dando lugar a descrições de golpes específicos do judô.

Ludmila Mourão e Gabriela Souza (2007) analisam o processo de legalização do judô no Brasil, que ocorreu em 1979, junto ao Conselho Nacional de Desportos (CND). A narrativa que constroem sobre esse episódio ajuda a pensar nas fotos e textos que apresentei anteriormente. As autoras relatam que a modalidade, em conjunto com outras, tinha sua prática proibida para as mulheres, por meio do Decreto-Lei 3.199, datado de 14 de abril de 1941. Cujo texto advertia: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Esse Decreto, regulamentado pelo CND em 1965, estipulava que “não é permitida a prática de lutas e qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, halterofilismo e basebol”. As autoras analisaram que um dos motivos favoráveis a participação de mulheres no judô teve como principal objetivo o interesse em que as equipes femininas passassem a somar pontos juntos à masculina em ventos internacionais, colaborando assim para o sucesso da equipe brasileira nessa modalidade. Essa ruptura não se deu a partir de uma desconstrução social do papel que era pensado para a mulher naquela época. Exemplo disso é um relato reproduzido de uma atleta de judô ao revelar que seu pai não ensinava a ela técnicas de imobilização, chave de braço e estrangulamento que, de certo modo, não fariam representações de feminilidade. Ao filho homem as técnicas do esporte eram ensinadas integralmente. Ou seja, a filha também praticava o judô, afinal era importante ter atletas mulheres praticando judô, mas nem todas movimentações eram permitidas a elas.

Trago esse exemplo para pensar o ocultamento que o Site faz sobre questões que explicita a feminilidade das judocas. As atletas dessa modalidade são exibidas a

partir de suas habilidades técnicas e esportivas e pouco se diz sobre sua beleza, ou ainda, suas feminilidades. Sendo o esporte um espaço generificado e geneficador, grosso modo, ele é narrado a partir das diferenças entre homens e mulheres. Segundo Silvana Vilodre Goellner (2007)

Os gestos, as musculaturas, as roupas carregam significados sempre associados ao masculino e ao feminino, o que serve para justificar as representações de homens e atletas mulheres para determinadas modalidades. A eles a aventura, a potência, o desafio, a força; a elas, a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio ameno (p. 184-185).

Creio ser produtivo pensar as razões pelas quais as judocas não são nomeadas como femininas (mesmo que o sejam). Enxergo que as atletas do vôlei assim o são, mesmo que algumas se afastem dessas representações. Uma questão possível de ser analisada é que, talvez, seus uniformes colaboram para enxergar as feminilidades mesmo numa modalidade que exige força, potência e vigor. Porém, tanto as jogadoras de vôlei quanto as judocas, são mulheres cada qual com possibilidades de exposição e movimentos marcados pelas especificidades sua modalidade. É preciso dar espaço para educar o olhar e compreender que nos esportes, podemos pensar em diferentes formas de masculinidades e feminilidades, de acordo com as exigências técnicas de cada prática esportiva. Existe tanto a jogadora de vôlei com suas formas ressaltadas por seu uniforme e a judoca que esconde sua beleza embaixo de seu quimono, ambas são fortes e potentes, pois o esporte exige delas essas qualidades físicas. Talvez força/potência, atributos tão ligados histórica e culturalmente aos homens, precisem ser “amenizados” quando se dá visibilidade a eles nas mulheres atletas, e aqui, o uniforme feminilizado, é uma boa saída.

Ainda sobre representações de masculinidades e feminilidades produzidas e reproduzidas no Site, chamou minha atenção a ênfase dada ao choro dos atletas. “O Brasil é o país do choro olímpico”, assim foi denominada uma série de fotos veiculada no dia 24 de Agosto. Com o subtítulo de: “Atletas caem em lágrimas durante os Jogos Olímpicos” encontramos oito fotos que flagram os/as atletas brasileiros/as emocionados/as durante os Jogos Olímpicos:



Figura 08: Brasil é país do choro olímpico I (24 de Agosto de 2008)

Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI72983-EI10378,00.html>

Acesso em 05 de set. 2008.



Figura 09: Brasil é país do choro olímpico II (24 de Agosto de 2008)

Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI72983-EI10378,00.html>

Acesso em 05 de set. 2008.

Maurren Maggi e César Cielo choram por terem conquistado medalhas olímpicas. Essas e outras imagens apresentam atletas homens e mulheres chorando sem distinção de gênero. Não só os/as atletas brasileiros/as choram mas também de outras nacionalidades. Nas duas imagens apresentadas acima, o choro aparece como emoção pelas conquistas esportivas. Em outros momentos, tanto homens e mulheres atletas, aparecem chorando de tristeza. Elaine Romero (2004) analisando as páginas de um jornal relata que, “indiscutivelmente, o jornal escorregou ao ressaltar aspectos relacionados à feminilidade ou à fragilidade emocional, retratando ostensivamente atletas do sexo feminino chorando (...)” (p. 108). Na cobertura dos Jogos Olímpicos de Pequim as imagens que encontramos mostram uma outra representação possível para o choro no cenário esportivo, não atrelando-o a feminilidade. Nesse espaço de extremo desafio, como são os Jogos Olímpicos, é permitido que o homem atleta chore sem que com isso, sua masculinidade seja colocada em discussão.

Em nossas sociedades, o menino recebe uma educação com relação à dor ligada à imagem da virilidade, de força do caráter. Em princípio, os países esforçam-se para impedir as tendências para a emotividade ou para a negligência. O mais depressa possível, ele deve assimilar as qualidades que imaginamos serem as do homem; ao contrário, toleramos facilmente, e até mesmo encorajamos, as manifestações de sensibilidade da menina, as lágrimas e os lamentos são menos admitidos no menino que na menina, supostamente mais delicada. A educação transforma assim as crianças em atores conforme a imagem da mulher e do homem em vigor na sociedade (LE BRETON, 2006, p. 54).

Se na sociedade brasileira, de um modo geral, não é incentivado ao menino demonstrar suas emoções, penso que no esporte isso passa a ser permitido, pois a representação de atleta se sobrepõe a de homem, ou seja, é permitido aos atletas chorarem, independente se mulher ou homem. O choro parece sensibilizar o público que acompanha as notícias, mostrando um pouco da árdua trajetória percorrida pelos atletas até chegarem a tão sonhada medalha olímpica ou dela se afastarem. Mesmo os atletas consagrados, já acostumados a várias conquistas esportivas choram ao receber sua merecida premiação, exemplo disso é a notícia veiculada no dia 19 de Agosto, onde lemos: “Na cerimônia de premiação nesta terça, a atual campeã olímpica, tão acostumada a vitórias, não suportou a emoção ao receber o outro pela segunda vez seguida e chorou copiosamente no alto do pódio”³⁴.

A visibilidade conferida ao choro dos atletas olímpicos não esteve relacionada apenas às suas conquistas esportivas e performances. Apresento a seguir fragmentos de algumas das matérias nas quais as lágrimas aparecem ligadas a algum fato triste na trajetória dos atletas olímpicos:

³⁴ Reportagem sob o título: ISINBAYEVA CHORA AO RECEBER MEDALHA DE OURO. Disponível em: [HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3112422-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3112422-EI10378,00.html). Acesso em 08 de Set. 2008.

Lágrimas de tristeza e de decepção, como as de Diego Hypólito, e lágrimas de felicidade e emoção, como as de Jade Barbosa e de todas as meninas da equipe nacional. (COM CHORO E SEM MEDALHAS, GINASTAS DO BRASIL SE DESPEDEM DE PEQUIM, 2008, s.p.)

Após a derrota diante dos Estados Unidos na decisão dos Jogos de Pequim, neste domingo, o jogador era o mais emocionado. Com lágrimas nos olhos o jogador tratou de valorizar a medalha de prata conquistada na China. (EMOCIONADO, MARCELINHO FALA QUE “SER VICE É MARAVILHOSO”, 2008, s. p.)

O atleta brasileiro não conseguiu conter as lágrimas. (...) “Não foi um trauma, foi um resultado que não saiu. A gente não consegue fazer tudo perfeito, e desta vez aconteceu o que acontece com as pessoas normais. Não sou maquina, sou humano”. (JADEL DIZ QUE TEM LENHA PARA QUEIMAR, 2008, s. p.)

São 3h de quarta-feira em Pequim. No restaurante da Vila Olímpica às moscas, um brasileiro está sentado, contemplando o nada enquanto enxuga as últimas lágrimas de uma interminável noite. O brasileiro em questão é nada menos que o superastro Ronaldinho. (RONALDINHO CHORA E PASSA A NOITE SEM DORMIR, 2008, s. p.)

Fabiana Murer segurou o choro enquanto pôde. Não foi enquanto procurava a vara sumida, nem quando errou a terceira tentativa de superar a barreira de 4,65m. Quando ela explica todo caso na área de entrevistas, os olhos estão vermelhos, mas ainda sem lágrimas. Mas no momento em que vem a pergunta fatal, ela desaba. Depois de quatro anos de tantos treinos, fica a sensação de que não foi você que perdeu, mas que acabaram com a tua Olimpíada? Fabiana chora e desabafa. (VARA SOME, FABIANA MURER CHORA E DESABAFA, 2008, s. p.)

O esportista era favorito ao ouro na capital chinesa mas, no último movimento, caiu e não conteve as lágrimas. (...) Alguns minutos mais tarde, mais calmo, Hypólito se dirigiu a área reservada aos atletas, abraçado com a irmã Danielle, e começou a ler trechos da Bíblia. No entanto, não se conteve

e voltou a chorar muito. (AOS PRANTOS, HYPÓLITO PEDE DESCULPAS AOS BRASILEIROS, 2008, s. p.)

O judoca brasileiro Eduardo Santos não conteve as lágrimas após a derrota para o suíço Sergei Aschwanden e, emocionado, lembrou de sua família. "(...) Queria falar para meu pai e minha mãe que dei o melhor de mim, mas não tive competência para jogar meu adversário", afirmou, antes de limpar as lágrimas com o quimono. (APÓS DERROTA, JUDOCA SE EMOCIONA E LEMBRA FAMÍLIA, 2008, s. p.)

Os trechos apresentados deixam claro que chorar por alegrias e conquistas é tão valorizado quanto chorar por derrotas e decepções esportivas. Ambas experiências são vividas e visibilizadas através das lágrimas emocionadas dos/as atletas. As imagens veiculadas pelo Site também evidenciaram momentos de tristeza:



Figura 10: Rússia derrota China e fica com o bronze (23 de Agosto de 2008)

Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI72856-EI10378,00.html>

Acesso em 05 de set. 2008.



Figura 11: Francês chora ao perder luta e ganhar bronze (22 de Agosto de 2008)
Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI72713-EI10378,00.html>
Acesso em 07 de set. 2008.

A Figura 10 apresenta a jogadora chinesa lamentando a derrota de sua equipe para a Rússia: as mãos levadas ao rosto, um lagrimar a estourar a qualquer instante. Já o francês Alexis Vastine (Figura 11) é fotografado chorando escancaradamente após perder a luta, mesmo tendo conquistado a medalha de bronze.

Ao analisar o material empírico, percebi que não há diferenciação se o choro é de alegria/tristeza, conquista/derrota, entre homens e mulheres. Aos ATLETAS é permitido chorar, sem que com isso se coloque em cheque suas masculinidades e feminilidades. Fiz questão de apresentar em grande quantidade o material empírico nesse ponto que discuto, pois a “permissão ao choro” é uma peculiaridade do esporte. Na sociedade como um todo, o ato de chorar é apontado como um marcador das diferenciações de gênero: chorar é ligado à emotividade que é ligado ao feminino. Talvez para os esportistas seja permitida a emoção, em função do próprio esporte despertar em todos nós sentimentos tão à flor da pele. A emoção é permitida

e visibilizada sem distinção de gênero, sem ligá-la ao masculino ou ao feminino, porque aqui, impera o ideal de atleta olímpico, seja ele homem ou mulher.

Para finalizar as análises acerca das representações de feminilidades e masculinidades atribuídas aos/as atletas olímpicos pelo Site Terra, chamo a atenção para uma questão específica: a representação produzida e reproduzida acerca de atletas de alta performance. Estes/as fenômenos do esporte foram nomeados de “superatletas” de Pequim e ganharam uma seção de fotos específica bem como uma reportagem com o mesmo título:

Eles são estrelas e praticamente imbatíveis. Entre os 11.990 esportistas que disputam a Olimpíada, três destoam. São superatletas. Para eles a vitória é uma certeza. (...) Ainda faltavam poucos metros para a chegada quando Usain Bolt já sabia que era o campeão (...) Poucos metros dali, poucas horas antes, lá estava outro monstro fazendo história: Michael Phelps. (...) Também tem olhos azuis, corpo escultural, simpatia rara. Pois é. É o diferencial dentro do diferencial. Além de talento ímpar, a russa (Yelena Isinbayeva) tem mais. É bela. (SUPERATLETAS ENTRAM EM AÇÃO JUNTOS E MOSTRAM ABISMO, 2008, s.p.)

Dois “monstros” e uma “bela” são os superatletas anunciados pelo site. Eles: Usain Bolt, jamaicano, considerado o homem mais rápido do mundo e Michael Phelps, nadador norte-americano que somou oito medalhas de ouro nos Jogos. Ela: Yelena Isinbayeva, russa, campeã do salto com vara. A expressão ligada aos homens é “monstros”, que soa como um elogio aos atletas que se destacaram nos Jogos. Ao serem elencados como melhores são considerados, quase que exclusivamente, seus atributos físicos, responsáveis por suas conquistas no esporte. Ela para estar entre as melhores além de campeã, é bela: tem olhos azuis e tem corpo escultural, ao contrário de ser uma “monstra”. Em nenhum momento dessa, ou de qualquer outra reportagem disponibilizada durante os Jogos existe a expressão “monstra”, ou ainda, “fera” para uma atleta mulher. E, se fosse utilizada como elogio, talvez causasse

estranhamento, pois, grosso modo, esse não é um adjetivo normalmente usado para destacar qualidades de uma mulher.

No entanto, graça, simpatia, harmonia e beleza são as palavras que comumente figuram em reportagens que destacam atletas mulheres. Seriam essas as “atribuições” de uma mulher atleta? Ana Cristina Teodoro da Silva (2008) apresenta a análise do encarte *Folhateen*³⁵, e em certo ponto do texto, a autora dá destaque aos esportes discutindo como as imagens e reportagens da revista representam esportes masculinos e femininos. Para os adolescentes figuram esportes como ciclismo, artes marciais, colados a características como espírito de aventura, coragem, radicalismo entre outros. Para as adolescentes, mesmo que pratiquem o mesmo esporte, artes marciais, por exemplo o destaque é dado a feminilidade que elas podem manter mesmo sendo atletas desse esporte e não à coragem que os meninos praticantes dessa modalidade devem possuir. Nas palavras de David Le Breton:

As características físicas e morais, as qualidades atribuídas ao sexo, dependem das escolhas culturais e sociais e não de um gráfico natural que fixaria ao homem e à mulher um destino biológico. (...) Esse encorajamento para a doçura do lado feminino tem em contrapartida do lado masculino o encorajamento à virilidade (2006, p. 66-67).

A série de fotos que acompanha a reportagem nomeada “Superatletas” reforça as representações de masculinidades e feminilidades presentes no texto. Divulgada no dia 16 de Agosto, sob o título: “Superatletas entram em ação em Pequim” são disponibilizadas quatro fotos de cada um dos três fenômenos. As legendas para o nadador e o velocista são técnicas: “O americano Michael Phelps mais uma vez marcou a história da natação na final dos 100 borboleta”; “O fenômeno (Usain Bolt) superou seu próprio recorde mundial por três centésimos” As fotos evidenciam

³⁵ Encarte semanal do Jornal Folha de São Paulo, destinado ao público adolescente brasileiro.

superatletas homens em ação na sua modalidade específica. Já a terceira imagem, a da superatleta mulher, é a única foto na qual está retrata a atleta não realizando gestos próprios de sua modalidade.



Figura 12: Superatletas entram em ação em Pequim (16 de Agosto de 2008)

Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI72045-EI10378,00.html>

Acesso em 06 de out. 2008.

Nela, Ysinbayeva aparece em posição estática, fazendo “saudação” ao público que acompanhou seu desempenho nas provas olímpicas. Diz a legenda: “Além de talento ímpar, Isinbayeva exhibe toda a sua beleza com um corpo escultural”. Aqui ser bela aparece como uma possibilidade da atleta ser exibida, mesmo que a beleza não seja um atributo relacionado ao seu bom desempenho esportivo.

A beleza de homens e mulheres atletas olímpicos é dita e fotografada de maneiras diferentes ao longo dos Jogos de Pequim, é uma das formas nas quais se

podem diferenciar atletas homens e mulheres, por assim ser, merece especial atenção. Ao analisar o material empírico percebi uma grande quantidade de textos e imagens a tematizar a beleza, o que sem dúvida alguma, fornece elementos privilegiados para analisar as representações de gênero colocadas pelo Site Terra durante os Jogos Olímpicos de Pequim. É sobre esse tema que trata o próximo capítulo.

5 MUSOS E MUSAS: A BELEZA “ROUBA A CENA”

Como analisado anteriormente, Isinbayeva é analisada pelo Site Terra como uma superatleta, além de ter várias conquistas esportivas é bela. Usain Bolt e Michael Phelps, também superatletas, podem até ser belos aos olhos de alguns, mas não se reforçou tal atributo. Ao olhar para essa reportagem, num primeiro instante, se tem a impressão que à mídia somente interessa a beleza feminina. E, de fato, é a beleza das mulheres atletas que é largamente anunciada pelos textos e imagens veiculados no Site ainda que homens belos também apareçam com certa frequência.

Considerando essa afirmação, penso que discutir beleza como um marcador de gênero é uma tarefa necessária e vai além de afirmar que mais atletas mulheres são fotografadas enquanto “belas” do que os atletas homens. Se a beleza aparece como atributo a ambos (homens e mulheres) cabe analisar de que maneiras ela aparece: quais são as conexões possíveis de serem feitas entre as representações relativas à beleza para homens e mulheres atletas? Sem a intenção de responder a essa pergunta, mas sim de problematizar essa questão, começo dialogando com as palavras de Luiza Alonso:

O campo dos esportes não ficou imune aos novos modelos de imagens corporais elaborados pela transformação cultural. Corpos de atletas que eram vistos como antítese da feminilidade são, atualmente, modelos de beleza perseguidos por todas. A prova mais evidente foi o sucesso do calendário publicado quando dos Jogos Olímpicos de Sidney/Austrália em 2000. Homens e mulheres atletas nus resplandecendo em corpos que sugeriam sensualidade, mas escondiam o gênero em um jogo de formas e luzes que esmaeceram volumes e contornos sinalizadores do masculino e do feminino. Atualmente, no mundo dos esportes os ideais de beleza são mais claramente assumidos e ainda que um corpo bonito por si só não garanta bons resultados e desempenhos extraordinários eles recebem da mídia atenção redobrada, como são as musas do vôlei brasileiro e algumas tenistas internacionais. Ao lado do reconhecimento da beleza do corpo em si, a vaidade é assumida por homens e mulheres (2004, p. 96).

Nesse sentido parece ser produtivo tentar desgenerificar a beleza olímpica para os atletas. Os corpos atléticos, sejam eles masculinos ou femininos, foram amplamente visibilizados durante os dezessete dias de competição: músculos definidos, expressões de esforço, poses sensuais, etc.

No dia 22 de Agosto o Site divulga uma seção de fotos sob o título: “Confira uma seleção especial de musas” e outra, no mesmo dia, intitulada: “Conheça os musos dos Jogos de Pequim”. A primeira impressão é que o Site dará igual tratamento a homens e mulheres atletas, ditos musos e musas³⁶. No entanto, ao analisar as particularidades de cada seção, percebi que as semelhanças entre as duas se encerram no próprio título³⁷. Já no subtítulo da seção, assim se diz para as mulheres: “Veja fotos das belas que despertam desejos dos fãs”. Em contraponto, para os homens o subtítulo é: “Veja uma seleção dos gatos que valem ouro”. Ressalto que a expressão “musas” é rotineiramente usada às mulheres pelo Site, já a expressão

³⁶ A origem da palavra “musa” nos remete a Grécia antiga, onde essa expressão era utilizada para as Deusas do Olimpo, representando arte e inspiração. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Musas>. Acesso em 18 de Mar. 2009.

³⁷ Outras duas sessões se prestam a análise para esse assunto: “Veja as fotos do vôlei de praia masculino – Confira as vitórias da China, Espanha, EUA e Japão” e “Confiras as fotos do vôlei de praia feminino – Veja as musas da areia em Pequim”. Veiculadas em 12 de Ago. 2008. Disponíveis em: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI71459-EI10378,00.html> e <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI71455-EI10378,00.html> Acesso em 11 de out. 2008.

“musos” somente aparece nessa seção, em nenhuma outra reportagem, seção de fotos ou em alguma legenda específica se atribui essa expressão a um homem. O tratamento dado a beleza de homens e mulheres atletas, ou ainda, aos musos e musas, só oferece paridade aos olhos mais desavisados.

A seção de “belas que despertam desejos nos fãs” possui 25 fotos nas quais as atletas aparecem em ação, na maioria das imagens, porém há alguns “escapes” como veremos a seguir. As legendas dessas 25 imagens usam expressões como: “belas”, “sorridente”, “musa”, “ex-miss”, sensuais, curvas, beldade, exibem boa forma e porte atlético que não tira a sensualidade.

A seção de “gatos que valem ouro” é composta por 18 fotos sendo que exibem os atletas executando algum gesto esportivo próprio das modalidades que praticam ou ainda são fotografados no momento em que estão recebendo as medalhas conquistadas. “Gato”, “sorriso”, “galã”, “estrelas”, “belos”, bem-afeiçoados, “homem com cara de másculo” são as palavras que figuram nas legendas dessas imagens.

Interessante perceber que algumas “musas” são atletas que só foram exibidas no Site por sua beleza e não por sua performance olímpica. Exemplo dessa afirmação é a ex-miss paraguaia que na seção “Musas” figura em três das imagens disponibilizadas.



Figura 13: Confira uma seleção especial de musas I (22 de Agosto de 2008)
 Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/ultimas/galerias/0,,EI10378,00.html>
 Acesso em 03 de set. 2008.

Essa mesma imagem é a sexta foto da seção: “Brasileira é eliminada no lançamento de dardo”³⁸, na qual são exibidas 13 fotos e apenas três são da brasileira. Oito fotos retratam a ex-miss, com legendas mais técnicas, como na quinta foto: Leryn Franco, do Paraguai se prepara, mas termina a eliminatória na 25ª. colocação. Nenhuma das imagens da atleta paraguaia a retrata em ação, todas são fotos da ex-miss em posições estáticas que ressaltam seus atributos estéticos.

A décima oitava foto da seção dedicada às musas recebe a legenda: “Mesmo no futebol, esporte praticado na maioria pelos homens, a jogadora americana Mitts não perde a sensualidade”. A atleta usa o uniforme próprio da modalidade, mas seu gesto de “abano” lembra o de uma miss. Ela não é retratada de corpo inteiro, talvez por seu uniforme não colaborar para fazer ressaltar os contornos de seu corpo.

³⁸ Data: 19 de Agosto, acesso em 10/set, disponível em:
<http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI72699-EI10378,00.html>

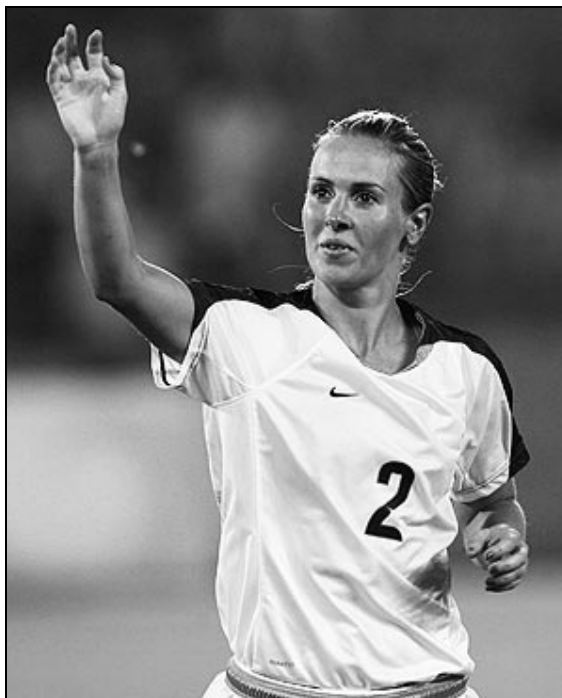


Figura 14: Confira uma seleção especial de musas II (22 de Agosto de 2008)
Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/ultimas/galerias/0,,E110378,00.html>
Acesso em 03 de set. 2008.

Outra imagem veiculada no link “Musas” é a de número vinte, na qual figuram duas atletas de ginástica olímpica:



Figura 15: Confira uma seleção especial de musas III (22 de Agosto de 2008)
 Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/ultimas/galerias/0,,EI10378,00.html>
 Acesso em 03 de set. 2008.

Sob a legenda: “As jovens da equipe de ginástica dos EUA não chamam a atenção somente pelo talento, mas também por sua beleza”. A foto dá ênfase à beleza dos rostos das ginastas e sua legenda é uma cópia fiel do que aparece inúmeras vezes no site: para as mulheres atletas ganharem destaque é incentivado que tenham, além de bom desempenho esportivo, beleza. Ou seja, para ser musa esportiva, é preciso ser boa atleta e bela.

Os musos eleitos e fotografados pelo site são todos atletas que obtiveram bons resultados nos Jogos Olímpicos. Sua beleza é atributo necessário para serem classificados como “musos”. Porém, sempre ligado a ela, aparecem argumentos técnicos das suas modalidades. Todos os musos obtiveram conquistas ou resultados expressivos nas competições, ao contrário das musas. Nas legendas das fotografias os argumentos ligados à beleza normalmente aparecem colados a argumentos técnicos, o que não acontece com as musas. Para ser “muso” se deve ter bons resultados, esse é o pré-requisito e a ele cola-se algo, como, por exemplo, o sorriso de Cesar Cielo

(segunda foto dessa seção), que só aparece nesse momento. Sobre o nadador, ao longo dos dezessete dias de competições, nunca foi dito que o mesmo era bonito, ou algo relacionado à beleza. Ou seja, ele “merece” ser muso por seu ouro olímpico e não por qualquer outro atributo físico que possamos atribuir a ele. Para as mulheres a lógica soa inversa: para ser musa precisam ser belas, sensuais. A partir daí passam a figurar entre as musas. Se, além disso, tiveram alguma conquista esportiva, então esse fato é mencionado, mas seu desempenho não é a condição para estarem escaladas nesse time.

A Figura 16 é acompanhada da legenda: “O caiaque do canadense Adam van Koeverden é perseguido atentamente por quem admira muito mais que qualidades esportivas” e exemplifica o que argumentei acima.



Figura 16: Conheça os musos dos Jogos de Pequim I (22 de Agosto de 2008)
Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI72722-EI10378,00.html>
Acesso em 07 de out. 2008.

As imagens que exibem os homens expõem mais a parte superior dos corpos, por vezes coberto pelo uniforme ou não, mas esse é o foco mais usado na publicação das fotos dos atletas no site. Ainda na seção de “musos” encontramos uma imagem do atleta tunisiano Oussama Mellouli, na qual mais uma vez, os braços fortes e musculosos são a parte do corpo que se relaciona a beleza masculina.



Figura 17: Conheça os musos dos Jogos de Pequim II (22 de Agosto de 2008)

Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI72722-EI10378,00.html>

Acesso em 07 de out. 2008.

Interessante aqui problematizar o quanto os corpos de homens e mulheres são fotografados de maneira diferente. Se para os homens, as lentes tendem a enquadrar o tórax, para os corpos femininos, as lentes parecem não ter essa pretensão, o alvo é o “bumbum”³⁹ Sobre essa questão, analisando as sessões de fotos apresentadas, uma em particular me causou inquietações, cujo título é: “Confira os mais belos bumbuns

³⁹ Usarei essa expressão pois ela é a mais recorrente nos textos e legendas do site quando se trata desse assunto.

do vôlei”. São fotos de oito “bumbuns” e somente isso. Representam, grosso modo, essa parte específica do corpo, pois nenhuma foto é composta pelo rosto das atletas. Sim, das atletas e não dos atletas, visto que todos os bumbuns considerados os mais belos são femininos⁴⁰. Para os homens uma única referência é feita a seus bumbuns, ou melhor suas nádegas, pois é essa a expressão que a reportagem de 22 de Agosto utiliza conforme segue: “Com lesão na nádega, brasileiro desiste de decatlo”⁴¹.

Além dessa seção específica destinada aos “mais belos bumbuns” em várias outras sessões esta parte do corpo feminino aparece em destaque, mesmo quando a reportagem tem cunho técnico. Muitas das fotografias que circularam no Site retratavam as atletas numa “pose” comumente veiculada quando o corpo é de uma mulher, com o foco direcionado da cintura para baixo e a atleta de costas, sendo que muitas vezes elas não eram identificadas.

A seção de 21 de Agosto, intitulada: “Holandesas levam ouro no pólo aquático” abarca um total de sete imagens, exibindo as atletas em ação ou demonstrando as medalhas conquistadas. Porém, uma fotografia acaba por reforçar essa representação da atleta mulher. A legenda que a acompanha é estritamente técnica: “Com apenas um gol de diferença, Holanda venceu os EUA e ficou com o ouro”, mas a imagem em nada retrata o momento do gol que garantiu à equipe da Holanda o ouro. É a imagem das atletas holandesas campeãs olímpicas, como nos diz a legenda, mas sem esse anúncio escrito, com certeza somente através da imagem, não descobriríamos que as mulheres de costas conseguiram conquistar a medalha de ouro.

⁴⁰ Imagens disponíveis em: [HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias) Acesso em: 17 de ago. 2008.

⁴¹ Disponível em: [HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3123518-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3123518-EI10378,00.html). Acesso em 05 de set. 2008.



Figura 18: Holandesas levam ouro no pólo aquático (21 de Agosto de 2008)

Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI72652-EI10378,00.html>

Acesso em 07 de set. 2008.

Algumas fotos beiram o exagero, quando o assunto é explorar o corpo das mulheres. A atleta brasileira do heptatlo, Lucimara Silvestre, recebe uma seção especial de fotos dedicada a ela. Um total de doze imagens da atleta são disponibilizadas ao longo da realização das suas provas. A terceira foto é de Lucimara na prova com barreiras, a legenda diz: “Uma das obras mais maravilhosas das Olimpíadas, o Estádio Nacional, conhecido como Ninho de Pássaro, abriga o atletismo”. A pergunta que faço baseada nas fotos dessa seção é: qual é a obra mais maravilhosa dos Jogos? O estádio ou o corpo da atleta? Acompanhe duas das imagens de Lucimara:



Figura 19: Musa brasileira estréia no atletismo I (15 de Agosto de 2008)

Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI71803-EI10378,00.html>

Acesso em 07 de out. 2008.



Figura 20: Musa brasileira estréia no atletismo II (15 de Agosto de 2008)

Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI71803-EI10378,00.html>

Acesso em 07 de out. 2008.

Com as respectivas legendas: “Com seu desempenho no salto em altura, Lucimara pulou para a oitava colocação com 2059 pontos”; “Lucimara foi a primeira atleta brasileira a competir no palco do atletismo nos Jogos Olímpicos de Pequim” e “A atleta brasileira relaxa antes de sua próxima prova” as imagens veiculadas ressaltam o corpo da atleta, em especial o seu “bumbum”. As legendas em nada descrevem o que as imagens mostram. Se nas imagens o corpo é destaque, nas legendas os argumentos são, na maioria, técnicos, com descrições da participação da atleta na competição.

Sobre a relação das imagens com as legendas, em trabalho anterior, verifiquei que as imagens utilizadas para acompanhar as reportagens, dizem sobre o que o leitor espera ler “colado” a elas. Para as fotos de Lucimara, ao apreciá-las, espera-se que as legendas façam menção ao seu corpo, ou mais especificamente, à parte dele que captura a atenção dos fotógrafos e do público leitor. As legendas técnicas parecem querer “amenizar” o que as imagens extrapolam: exposição do corpo da atleta, ou melhor, de uma parte específica do seu corpo.

Para os homens, a exposição corporal nas fotos do site, é mais comedida. As imagens em que eles aparecem mais desnudos seguem o padrão de expor a parte superior de seus corpos, como a imagem que trago a seguir:



Figura 21: EUA ganham ouro nos 4x100 medley (17 de Agosto de 2008)

Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI72075-EI10378,00.html>

Acesso em 06 de out. 2008.

Fazendo referência a conquista da equipe de natação dos EUA, a legenda diz: “Os norte-americanos venceram a prova com 3min29s34, o novo recorde mundial”. Essa legenda apresenta argumentos técnicos – da mesma maneira que vimos com as mulheres, nos exemplos anteriores. Porém, a diferença no tratamento dado aos corpos de homens e mulheres atletas pelo Site, não cessa nas partes específicas dos corpos que comumente são visibilizadas. Para os homens o enquadramento compreende a parte superior de seus corpos, para as mulheres o ajuste é feito, buscando dar ênfase a uma das “preferências nacionais”. Quero assinalar sobre a questão, já tratada em capítulo anterior, mas que aqui merece ser novamente citada, sobre os uniformes.

Percebam que Lucimara (Figuras 19 e 20) é fotografada utilizando seu uniforme, que mesmo “mal ajustado a seu corpo”, permite que fotos como essa sejam realizadas. Já os atletas da natação, para que seus corpos apareçam, é necessário que

os nadadores tirem a parte superior, pois do contrário, nenhum dos seus músculos contraídos, sugerindo atributos como força, seriam percebidos.

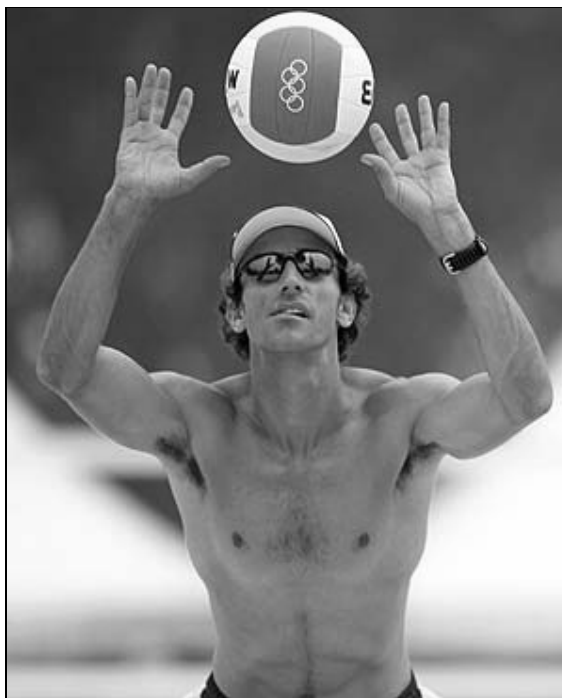


Figura 22: Duplas enfrentam forte dia de treinamento (08 de Agosto de 2008)

Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI70701-EI10378,00.html>

Acesso em 15 de out. 2008.

A Figura 22 reforça essa idéia de que os uniformes potencializam a visibilidade que é dada a determinadas partes dos corpos de homens e mulheres. Durante os treinos dos jogadores de vôlei de praia, os atletas, ou melhor, o tórax dos atletas, sem camisa, é evidenciado. As mulheres jogadoras dessa mesma modalidade vestem um “biquíni”, semelhante aqueles que comumente se usa para ir à praia. Os homens dessa modalidade “de praia” tem como uniforme bermuda e camiseta sem mangas (roupa que não é comum os mesmos utilizarem ao freqüentar a praia cotidianamente). O “biquíni” das mulheres de praia, tanto as jogadoras quanto as mulheres em geral, permite que grande parte do seu corpo seja exposta e,

conseqüentemente, retratada pela mídia. Ao contrário, para os homens atletas, pouco sobra do seu corpo que o uniforme não cubra e, portanto, pouco sobra para ser mostrado.

Fica uma inquietação: se os jogadores de vôlei de praia passassem a usar como uniforme apenas sungas, deixando de lado as camisetas e os bermudões, será que mais imagens como a Figura 22 seriam disponibilizadas?

Duas imagens, analisadas em relação, tornam essa análise mais evidente, acompanhe:



Figura 23: Walsh/May leva ouro no vôlei de praia (21 de Agosto de 2008)

Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI72583-EI10378,00.html>

Acesso em 07 de set. 2008.



Figura 24: Ricardo/Emanuel mantém 100% (13 de Agosto de 2008)
Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI71560-EI10378,00.html>
 Acesso em 11 de out. 2008.

Sobre a relação das imagens entre elas, Gillian Rose (2007, p. 88, tradução livre) escreve “as imagens adquirem sentidos não apenas de seus próprios signos, mas também de sua relação com os signos de outras imagens (...)”. O significado aqui de se visibilizar diferentes partes de corpos de homens e de mulheres, é reforçado pela relação das duas imagens apresentadas entre si. Ambas são do vôlei de praia, com um atleta de costas estático e outro mais ao fundo em movimento. Mas o foco da imagem é diferente para homens e mulheres.

Para as atletas mulheres o foco está na atleta de costas que, conforme a legenda, indica a jogada a sua dupla: “Chinesa indica qual será a jogada para sua parceira” Mesmo a atleta ao fundo estando de frente, de copo inteiro e, o mais relevante, em posição de jogo, com gestos próprios a sua modalidade, ela aparece “borrada”, em segundo plano de visibilidade. Já para os homens, o destaque, tanto na imagem quanto na legenda é dado ao jogador que está em ação: “Andrew Schacht se estica para salvar a bola”. Ele está ao fundo e isso não é motivo para o foco desviar dele. Quem aparece borrado é o atleta que está de costas, pela metade, em posição

estática, mesma posição que para as mulheres foi evidenciada, para os homens é silenciada.

Talento é a palavra que abrange todas as “potencialidades” que o Site evidencia que uma musa deve ter. Sob o título: “Musas dos Jogos desfilam na piscina”⁴², seis fotos são disponibilizadas no dia 17 de agosto. O subtítulo aponta para o que será possível ver nas imagens: “Seleções mostram todos seus talentos”. E seguem as seis imagens que, recorrente a outras já mostradas, privilegiam mostrar os talentos das musas como mulheres, do que seus talentos como esportistas.

Outra seção que merece destaque, pela recorrência que faz à beleza das atletas intitula-se: “Musas da areia são destaque nos Jogos”⁴³ e apresenta como subtítulo: “Belas do vôlei atraem muitos torcedores”. Muitas das imagens aqui veiculadas são as mesmas já analisadas por mim, no entanto, vale a pena registrar as legendas que as identificam. Vejamos:

“Jogadoras de vôlei como Ana Paula (esq.) e Larissa embelezam os Jogos Olímpicos 2008”.

“Ana Paula é uma das atletas brasileiras que mais chamam atenção por sua beleza”.

“Assim como as brasileiras, outras atletas estrangeiras da modalidade exibem boa forma”.

“Boa forma das jogadoras se sobressai até mesmo nos momentos de decepção”.

“Musas atraem centenas de jogadores para a competição de vôlei de praia em Pequim”.

⁴² Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI72131-EI10378,00.html>. Acesso em 03 de out. 2008.

⁴³ Seção veiculada no dia 11 de Agosto. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI72134-EI10378,00.html> Acesso em 13 de out. 2008.

“Mesmo no momento das competições, Renata atua com as unhas feitas e não deixa de lado os brincos”.

“Renata, que faz dupla com Talita, exhibe corpo escultural”.

“Duplas brasileiras marcam presença na disputa pelas mais belas do vôlei de praia”.

Elaine Romero (2007) já apontava que essas eram expressões recorrentes atribuídas às mulheres atletas. A autora analisou fotos dos atletas durante a realização dos Jogos Pan-Americanos de 2003 e os Jogos Olímpicos de 2004 que o Jornal “O Globo” divulgou durante os dias de realização das competições e apresenta a expressão “E agora vão fotografar o que?”. Fazendo referência ao título de uma reportagem que descreve a eliminação de uma dupla feminina de vôlei de praia e a preocupação do repórter em não ter mais a possibilidade de fotografar os belos corpos das atletas com a sua eliminação.

Sobre a visibilidade da beleza masculina, Núcia Oliveira (2008) analisa revistas brasileiras entre os anos 50 e 90 e as diferentes abordagens dadas a esse tema. A autora aponta que:

(...) enquanto nos anos 50 não se fala em beleza e sim em uma boa aparência, na década de 80 e 90 a palavra já passa a estar mais presente demonstrando uma nova abordagem quanto ao assunto. Contudo, seja num tempo ou no outros veremos que esses discursos trazem referenciais de gênero que constroem e reforçam as diferenças entre homens e mulheres e que cobram do público masculino a construção de uma imagem de força e virilidade, entre outros elementos. Ou seja, da mesma forma que para as mulheres, a beleza tem funcionado como elemento de reforço dos padrões de gênero para os homens (p. 1)

Ao dialogar esse tema com as fontes empíricas, me deparei com uma reportagem que trazia em seu título o nome de um atleta, conhecido popularmente por todos nós, mas em outro contexto: Brad Pitt, ator “hollywoodiano”, conhecido por sua beleza, aclamado em várias instâncias como um dos homens mais bonitos do mundo em consultas populares. Para os Jogos de Pequim, o homônimo do ator é um lutador australiano, que também ganha uma seção de fotos, veiculada no dia 13 de Agosto⁴⁴. Nela são disponibilizadas cinco fotos em ação do lutador, com legendas que o relacionam com o ator norte-americano, mas em nenhum momento se faz referência e/ou relação com o fato de Brad Pitt ser considerado um símbolo sexual contemporâneo. A ligação que é feita entre o ator e o lutador é pautada por alguns filmes em que Brad Pitt (ator) atuou. E são filmes específicos: “Clube da luta”, “Onze homens e um segredo” e “Tróia”. Nos filmes citados o ator encenou personagens viris (guerreiro, bandido, lutador). Esse fato, que pode passar despercebido por muitos, é mais uma representação que a beleza masculina está ligada a construção de “homens fortes”. Enxergo aqui a sempre necessidade – talvez sutil, mas nem por isso menos eficiente – de se representar os atletas homens a padrões hegemônicos de masculinidade.

Nesse sentido reafirmo que a mídia e, em específico o Site Terra, reforça as distinções de gênero presentes na sociedade, tanto para mulheres quanto para homens. E quando se discute beleza, parece não haver “escapes”. Mas se, por um lado, o Site não borra fronteiras, reiterando padrões de masculinidade e feminilidade ligadas à beleza, por outro, silencia discursos sobre esse mesmo assunto para determinados atletas de determinadas modalidades. Se até agora, o que apresentei vai ao encontro do que outros autores já nos alertaram, quero passar a discutir e problematizar a falta das representações padronizadas de gênero coladas à beleza para os/as atletas que seguem.

⁴⁴ Seção de fotos sob o título: Brad Pitt compete nas Olimpíadas de Pequim – Lutador australiano é homônimo de ator norte-americano. Acesso em 11 de out. 2008. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0..OI71509-EI10378.00.html>

As reportagens e imagens sobre o futebol feminino brasileiro são bons silêncios a serem analisados quando se trata de visibilizar feminilidades ou não em determinadas modalidades. Para as jogadoras do Brasil, os textos são extremamente técnicos: os dribles, as jogadas, etc. Não se faz menção aos atributos físicos e estéticos das jogadoras, nem nos escritos, nem nas imagens. Não há referências, adjetivos, suposições para além de comentários sobre o desempenho esportivo das jogadoras.



Figura 25: Brasil dá show e se vinga da Alemanha no futebol (18 de Agosto de 2008)

Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI72231-EI10378,00.html>

Acesso em 01 de out. 2008.

A Figura 25 ilustra essa representação. Em nenhum momento do site as jogadoras aparecem estáticas, como “modelos”. Em nenhum momento se esquece que elas são jogadoras, para dar espaço a possibilidade de mostrar feminilidades hegemônicas. Não existem imagens das jogadoras “posando” com as medalhas, por exemplo, como a que apresento abaixo:



Figura 26: Phelps pulveriza recordes e brasileiro é ouro (24 de Agosto de 2008)
Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI73027-EI10378,00.html>
Acesso em 04 de set. 2008.

A Figura 26 aparece em meio a fotos de ação, a maioria de homens, a atleta estática, destoa não só por sua imagem, mas também pela legenda que a acompanha: “Em meio a tantas competições, beldades sorriram e encantaram muitos em Pequim”. Não há referência ao nome ou a conquista da atleta, mesmo ela tendo sido retratada ao lado de sua medalha. Imagens e legendas como essa não fazem parte da cobertura midiática que o site fez sobre o futebol feminino brasileiro.

O primeiro ponto que proponho discutir é o futebol brasileiro, como prática construída e produzida socialmente como masculina, pensando que esse discurso histórico é um dos que tece e possibilita a emergência dessas representações de mulheres jogadoras.

A construção cultural brasileira concebe o esporte, e especialmente o futebol, como um espaço de práticas sociais masculinas através da sua história. E o futebol, como uma prática esportiva identitária da construção deste masculino terminou por concentrar uma resistência, ainda maior do que os outros esportes, à prática feminina. (MOURÃO; MOREL, 2005, p. 79)

A virilidade histórica do futebol, principalmente no Brasil⁴⁵, foi responsável pela conturbada presença das mulheres nessa modalidade até hoje em dia. Em épocas anteriores a sua prática nem era permitida a elas. Na década de 90, segundo Ludmila Mourão e Márcia Morel (2005), a discussão em pauta no futebol feminino era beleza *versus* técnica. Segundo as autoras, a mídia impressa produzia narrativas em que o padrão estético superava a técnica das mulheres no futebol feminino. “A associação da beleza ao jogo levava sempre a uma atitude de desconfiança sobre as verdadeiras habilidades femininas no esporte” (p. 81).

Relacionando com os textos e imagens que o Site Terra veiculou durante os Jogos de Pequim, percebi que o momento do futebol feminino no Brasil é outro. Não se enfatiza tanto a beleza das jogadoras, pelo contrário, ela é silenciada, dando espaço a representações das jogadoras carregadas de argumentos técnicos do esporte. Importa aqui “de onde se fala” ao representar dessa maneira: é um artefato da mídia brasileira falando de mulheres que praticam um esporte que, em nossa cultura, foi construído historicamente para homens.

As boas performances da seleção feminina de futebol em eventos internacionais possibilitou a emergência de outras formas de exaltar a mulher esportista que não aquela que advoga que para ser visibilizada é preciso também que a atleta seja bela e graciosa. Acompanhe uma charge veiculada pelo Jornal NH, em 20 de Agosto de 2008:

⁴⁵ Em outros países, o futebol é considerado como um jogo para mulheres, como nos Estados Unidos, por exemplo.



Figura 27: Charge de Sinovaldo (24 de Agosto de 2008)

Fonte: Jornal NH – 20 de ago. 2008 – p. 2.

Na “caricatura” acima, o jogador Ronaldinho Gaúcho, destaque da seleção brasileira de futebol, aparece figurando como “dono de casa”, com vassoura e pano em mãos, e recebe a ordem da mulher, a também jogadora Marta: “Fica aí cuidando da casa que eu vou lá buscar o ouro!!!”. Para o Brasil, a representação, apontada pela imagem descrita, rompe, ou possibilita o rompimento, com a imagem do futebol enquanto área de reserva masculina. Com o avanço técnico das jogadoras brasileiras, a mídia passa a mostrar um outro lugar a partir do qual elas podem ser mostradas. Não é necessário que elas sejam musas, e acoplem a seus corpos beleza para ganharem relevância em reportagens e fotografias. Tanto quanto os homens, elas são atletas.

Ainda sobre o futebol feminino brasileiro, um segundo ponto, que trago para analisar, é que essa “nova maneira” técnica de visibilidade, por não reforçar as representações hegemônicas de masculinidades e feminilidades, acaba por mostrar

outras possibilidades de ser mulher atleta, sem colocar em cheque sua identidade sexual ou de gênero. Angelita Jaeger (2007) nos fala sobre essa necessidade de duvidar de identidades, quando se rompe com certos padrões:

Essas dúvidas pairam, principalmente, sobre modalidades que investem nos esportes de força – como halterofilismo, lutas, lançamentos e fisiculturismo -, porém não é exclusividade deles. Mulheres praticantes de futebol, não raro, também são marcadas com o rótulo da masculinização (p. 134).

Aos olhos de alguns, talvez o silêncio sobre seus atributos femininos, possa ter interesse de divulgar a sua não feminilidade, ou melhor, a sua não feminilidade normatizada. Já que penso ser possível existir diferentes formas de viver e ser feminina, inclusive jogando futebol.

Se parto de um pressuposto teórico que as masculinidades e feminilidades são produzidas e reproduzidas dentro de um contexto cultural e histórico, quero afirmar que as atletas brasileiras de futebol, nos possibilitam passar a enxergar uma outra feminilidade dentro do campo esportivo. Antes de taxá-las de masculinas, por não acompanharem as representações hegemônicas de feminilidade, quero apontar que estas representações, pautadas em argumentos técnicos, nos possibilitam passar a produzir e reproduzir uma outra forma de ser mulher atleta: a que narra suas qualidades técnicas sem duvidar que suas habilidades esportivas não possam dialogar com o seu jeito de “ser mulher”.

Buscando dar ênfase a pluralidade de representações, passo a destacar a maneira como o site apresenta as jogadoras de hóquei sobre a grama. Essa é uma modalidade coletiva, de disputa e força, equivalente ao futebol. Privilegio para essa tarefa reportagens e fotos do time argentino, também conhecido por “Leonas” em

seu país de origem em função da garra que demonstram em campo. Veja alguns trechos das reportagens sobre estas jogadoras:

“A Argentina assume a segunda posição do grupo B, atrás apenas da Alemanha, sua próxima adversária”.⁴⁶

“As ‘Leonas’ (leões, em espanhol), equipe feminina da Argentina de hóquei sobre a grama goleou a Alemanha por 4 a 0 neste sábado, em partida pelos Jogos Olímpicos de Pequim”.⁴⁷

“A partida foi muito equilibrada e o primeiro tempo terminou empatado por 1 a 1. Após o intervalo, a Argentina foi superior e conseguiu garantir a vitória”.⁴⁸

As descrições técnicas voltam a figurar nos textos. Dialogando as reportagens com as imagens, percebi que as representações para as jogadoras argentinas são permeadas de supostas contradições.

⁴⁶ Reportagem veiculada no dia 14 de Ago. de 2008, sob o título: “LEONAS” DERROTAM JAPÃO NO HÓQUEI SOBRE A GRAMA [HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3091189-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3091189-EI10378,00.html). Acesso em 08 de Set. 2008.

⁴⁷ Reportagem veiculada no dia 16 de Ago. de 2008, sob o título: “LEONAS” GOLEIAM ALEMANHA NO HÓQUEI SOBRE GRAMA. Disponível em: [HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI31000102-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI31000102-EI10378,00.html). Acesso em 08 de Set. 2008.

⁴⁸ Reportagem veiculada no dia 18 de Ago. 2008, sob o título: LEONAS DERROTAM NOVA ZELÂNDIA NA OLIMPÍADA. Disponível em: [HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3108552-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3108552-EI10378,00.html). Acesso em 08 de Set. 2008.



Figura 28: Holanda elimina Leonas no hóquei sobre a grama (20 de Agosto de 2008)

Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI72522-EI10378,00.html>

Acesso em 09 de set. 2008.

A foto, da jogadora em movimento, está dentro de uma seção que tem como subtítulo: “Em confronto de musas, holandesas se classificam”. O termo “musas”, recorrente em todo site, também é atribuído às atletas de hóquei. Essa é a nona imagem disponibilizada e tem como legenda: “Maartjie Paumen exhibe suas belas curvas”. Para as argentinas, os argumentos técnicos se misturam com seus atributos físicos. Elas são praticantes de um esporte que se assemelha ao futebol: coletivo, que exige força, luta e virilidade. Elas possuem as representações de mulher (bela) em conjunto com as de atleta. Por que, então, se há semelhanças entre o futebol e o hóquei, as brasileiras não são enunciadas como belas e as argentinas o são?

Deixando de lado as discussões culturais e históricas já mencionadas sobre o futebol brasileiro, quero pensar mais uma vez na questão do uniforme. E o que me leva a pensar nisso são as diferenças nos textos das reportagens e nas imagens.

Pelos textos, não vemos suas belas curvas e o que há para ser mostrado é seu desempenho esportivo. Já nas fotografias das “Leonas”, enxergamos aquilo que seus uniformes nos permitem ver, mas com as atletas sempre em ação, pois sua modalidade exige isso.

Há de se levar em conta que a seção de Esportes do Site Terra, onde está ancorada o link específico de Pequim 2008, está hospedada na ala masculina do site. Se o público a quem se destinam as imagens e os textos são homens, sempre que houver possibilidades de tornar “o produto” mais “atrativo” assim será feito. Se as jogadoras argentinas são destaque por sua garra em campo, as brasileiras do futebol ganharam visibilidade por sua apurada técnica. Mas, se além da garra as argentinas podem presentear os leitores com belos corpos, porque não fotografá-los? Já os corpos das brasileiras, mesmo quando fotografados não possuem muito a mostrar, já que as partes descobertas de uniforme em seus corpos são mínimas. Já que, talvez, nesse país nem mesmo se considere bonita uma mulher que jogue futebol, mesmo que a atleta assim o seja.

Mesmo apontando para outras representações possíveis, como a que descrevi acima, a recorrência de imagens e textos que enfatizam um olhar sobre a beleza das mulheres salta aos olhos. Sobre esse tema destaco uma palavra que apareceu em reportagem datada de 19 de Agosto:

Altas, esguias, bronzeadas e implacáveis. O perfil das jogadoras de vôlei de praia continua o mesmo, o que mudou foi o mapa do favoritismo. (...) A jovem, de 72Kg escassamente distribuídos em 1,87m, faz dupla com Jia desde 2006. (...) Muito altas e com baixíssimo índice de gordura corporal – e um bronzeado permanente. (MULHERES TORNAM CHINA POTÊNCIA NA PRAIA., 2008, s.p.)

A expressão que quero chamar atenção é “perfil”: altas, esguias, bronzeadas, baixo índice de gordura corporal e implacáveis. O peso e altura da atleta também descritos, insinuando um corpo esguio, soa como deslocado quando se trata de traçar o perfil das atletas de vôlei de praia, uma vez que essa modalidade não há separação das atletas em categorias distintas em função do peso – como acontece no judô –, o que seria um argumento para justificar tal informação. Quando penso em perfil de atleta penso em características físicas e psicológicas que podem potencializar o treinamento diário, porém o Site parece preferir traçar um outro tipo de perfil de atleta mulher quando se trata de vôlei de praia. Ou ainda, um “pedaço do perfil” como reaparece na imagem abaixo:



Figura 29: Confira as fotos do vôlei de praia feminino (12 de Agosto de 2008)
Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,OI71455-EI10378,00.html>
Acesso em 11 de out. 2008.

Sob a legenda de “A mexicana Candelas é pega em situação inusitada” a foto volta a disponibilizar e reforçar a representação da mulher atleta, sem indentificação, de costas e, normalmente, da cintura para baixo. O corpo e a beleza das atletas

“roubam a cena” ao longo dos 17 dias de realização das competições, como bem ilustra a imagem e a legenda colada a ela:



Figura 30: Jogadoras de vôlei roubam a cena (14 de Agosto de 2008)

Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI71771-EI10378,00.html>

Acesso em 07 de out. 2008.

Aqui foto e legenda andam juntas, ou seja, a imagem nos mostra a atleta de biquíni, como mulher, somente a rede de vôlei ao fundo pode nos fazer lembrar que Ana Paula é jogadora de vôlei, sem a rede, ela se torna “apenas” uma mulher que poderia estar em uma praia ou piscina. A legenda descreve: “Ana Paula é uma das atletas que mais chama a atenção por sua beleza” e reforça a representação de mulher ligada a sua potencialidade de ser bela, em nenhuma imagem ou palavra aqui é lembrada que a mulher bela também possui potencialidades enquanto atleta.

Em algumas imagens analisadas percebi que não há essa representação uníssona quando relacionada à legenda que a acompanha. Observe a Figura 31:



Figura 31: Brasil deixou ouro com EUA na final (24 de Agosto de 2008)

Fonte: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/galerias/0,,OI72994-EI10378,00.html>

Acesso em 05 de set. 2008.

Nesta imagem, quem está praticando o esporte é a jogadora australiana. Se ao nos depararmos com essa foto, nossos olhos pararem na observação do esforço da australiana, a legenda não nos deixa esquecer do que também é importante de ser visto nessa imagem: “Jogadora do Brasil observa australiana durante a partida”. A legenda que acompanha a Figura 31 refere-se à atleta brasileira que observa a australiana. Se em um primeiro olhar a brasileira passa despercebida, a legenda nos encaminha a olhar – mais uma vez – para uma atleta de costas, da cintura para baixo, sem identidade a não ser a palavra “Brasil” inscrita em seu uniforme. São discursos que se acotovelam, ora dando lugar a atletas, ora a mulheres ou homens, ora “misturando” masculinidades e feminilidades possíveis de serem pensadas e discutidas.

Mas a possibilidade de ser representada enquanto mulher E atleta parece ainda não estar posta de maneira clara, como nos faz pensar a reportagem a seguir:

De casamento marcado para novembro, a atleta (Isabel Swan) disse que está “louca” para cuidar do cabelo e ir à manicure. “A pele do rosto e da mão ficam judiadas. Depois de todo campeonato a gente volta a ser mulher. Na competição o foco é outro, só queremos saber da regata”, completou. (APÓS BRONZE BRASILEIRAS VIRAM O BARCO E “VOLTAM” A SER MULHERES, 2008, s.p.)

Se elas “voltam a ser mulheres após a regata” a pergunta que faço é: Quando se “deixou de ser mulher” para se tornar atleta? Talvez atletas escapem a padrões hegemônicos de feminilidade – pintar as unhas, cuidar do cabelo – mas nem por isso deixam de ser mulheres. São outras representações possíveis de serem atletas E mulheres. São mulheres atletas que não pintam as unhas, não cuidam dos cabelos... Que talvez não possuam corpos “Altos, esbeltos e bronzeados” mas tenham sim, corpos que lhes possibilite uma melhora em seu desempenho esportivo e por isso, também devem ser visibilizadas não somente como atletas, mas também como mulheres. Paula Gomes (2004) problematiza essa questão:

É o carácter sexuado dos corpos que limita as suas vivências e encaminha a orientação desportiva. Mas como é que as mulheres que elegem desportos cultural e tradicionalmente tidos como masculinos podem ostentar um corpo “soberbo”? Como se pode bater uma bola de ténis a uma velocidade de 220 quilómetros por hora, com 50 quilos de peso corporal? Ninguém concebe que um saltador em altura possa apresentar o mesmo somatótipo que um lançador de peso, mas, tratando-se de mulheres atletas, exige-se que sejam todas magras e longilíneas, como se fosse possível a dissociação entre eficácia, técnica gestual e capacidades físicas (Louveau, 2000). (...) As atletas ainda se deparam com um preconceito social ambivalente: sendo mulheres não são tão competentes como os homens; sendo muito competentes, podem deixar de ser consideradas mulheres. (2004. p. 111)

Este jogo perverso, de fixar representações universais, para homens e/ou mulheres e/ou atletas, pode ser constatado através do discurso presente na mídia e, em especial, no artefato pesquisado nessa dissertação, o Site Terra.

6 JOGOS DE GÊNERO EM PEQUIM 2008

“Se nada mais é estável, é preciso estar em movimento” (LOURO, 2004, p. 11)

Mais do que corpos em movimento, a cobertura do Site Terra para os Jogos Olímpicos de Pequim nos apresenta representações em movimento. Mesmo apontando para expressões e imagens diferentes e recorrentes para homens e mulheres atletas e, conseqüentemente, sobre suas masculinidades e feminilidades hegemônicas, enxergo no material pesquisado oportunidade de se “jogar um jogo de gênero” de maneira diferente no campo do esporte. E é baseada nessa premissa que teço as considerações finais, ainda que transitórias, para essa dissertação.

Reportagens e imagens que põe as representações em funcionamento, essas são as peças do nosso jogo, as que nós podemos manusear, as que chegam até nós e, a partir daí, enquanto jogadores, veremos qual a melhor estratégia de ação. Mas existem personagens nesse jogo além dos textos e das fotos e, dentro da perspectiva teórico-metodológica adotada para essa dissertação, a peça que ganha destaque é a que valoriza e visibiliza as relações históricas e culturais de práticas esportivas que nos ensinaram e ainda nos ensinam lugares possíveis de serem ocupados por homens E/OU mulheres no campo esportivo.

O jogo de produção de identidades, através da análise das representações, está amarrado às coisas ditas, à possibilidade de se poder dizer/mostrar isso ou aquilo em um dado tempo e espaço. Se não é possível estabelecer linearidade e nem fixidez nessas representações, é preciso dar voz às pluralidades. Porém, quero destacar que, se enxergo um panorama social geral onde a identidade do sujeito pós-moderno nada possui de fixa ou imóvel, mas ao contrário, é parcial, provisória e situada,

também enxergo que o “momento” da Educação Física brasileira, enquanto campo de pesquisa e intervenção, talvez esteja um passo atrás. Penso ser importante problematizar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, cujas bases teóricas são fortemente marcadas pelos discursos médico e militar os quais, muitas vezes, possibilitam analisar as práticas esportivas, prioritariamente, a partir da biologia de corpos dos/as atletas. Com isso quero afirmar que é tarefa mais que necessária, imprescindível, para essa área de conhecimento estar atenta a essas discussões, sejam elas realizadas pela mídia ou não, desconstruindo as representações hegemônicas de masculinidade e feminilidade de forma a permitir outras possibilidades para esses marcadores identitários.

Sugerindo a multiplicidade de representações possíveis de gênero para atletas, longe de, com isso, fixar identidades, me fascina a possibilidade de circular entre as representações e de propor novos “destinos” aos homens e mulheres. Eles/elas nos mostram, através de seus corpos e seus gestos, capturados pelo Site Terra em formato de reportagem ou imagem, um sem fim de conexões possíveis entre o que é dito que devam ser como atletas e o que se diz deles/delas como homens e como mulheres.

O Site produz e reproduz o que é ser atleta na maioria das suas páginas *on line*. Corpos atléticos, capazes de feitos jamais pensados para corpos não treinados: acrobacias, velocidades, potências, funcionalidades, técnicas apuradas... Se o esporte de alto rendimento permite, ou diria mais, pede corpos que possam ultrapassar limites, quebrando recordes nas mais variadas modalidades, podemos estender nosso olhar para os corpos e gestos que também borrem as fronteiras entre as masculinidades e feminilidades construídas e tidas como hegemônicas e normatizadas.

Afinal existem mulheres que não são representadas como belas, maternais e femininas (GOELLNER, 2003), o que não significa que devam ser ocultadas. No

campo do esporte, por exemplo, algumas modalidades exigem um corpo que se afasta dessas representações a exemplo do fisiculturismo, halterofilismo e algumas lutas. Com essa afirmação, não quero fixar outras identidades possíveis, quero apenas visibilizar que outros corpos e outros gestos são possíveis de serem pensados para mulheres – e homens – atletas.

Através das imagens e dos textos, ao longo dos dezessete dias de competição, representações foram (re)produzidas. Quanto às reproduzidas, me ateno as que continuam a divulgar que para ser uma superatleta, é preciso também ser bela. Essa é pauta recorrente no Site, às vezes dito de outras formas, mas essa representação é aparece repetidas vezes. Para os homens, sua virilidade é exaltada, exemplo claro está na reportagem em que o texto liga um atleta homônimo do astro Brad Pitt às ações heróicas do ator em filmes que participou e não tece vínculo algum com a sua beleza. As representações de atleta e homem possuem características muito próximas, pois o campo esportivo foi construído por homens e para homens. Aponta-se para uma ligação lógica entre ser representado como atleta e como homem e que não acontece com a conexão entre ser atleta e ser mulher. Exemplar dessa afirmação são as reportagens em que são usadas expressões como: “Tiram o quinqüênio para virar mulheres” e “Após a regata, voltam a ser mulheres”.

A argumentação elaborada é que elas se despem da representação de atleta para poderem ser representadas como mulheres e, conseqüentemente, femininas. Não há diálogo entre ser atleta e feminina ao mesmo tempo, ou, melhor dizendo na mesma pessoa. Digo isso se estivermos utilizando a representação de mulher baseada nos ideais de graça, beleza e outros afins a esses que são largamente atribuídos às mulheres. Porém, nos esportes, em especial aqui nos Jogos Olímpicos e a cobertura midiática do Site Terra, enxergo outras possibilidades de se representar mulheres atletas, pautadas em suas habilidades técnicas e suas conquistas esportivas. Sendo assim, ao invés de simplesmente reproduzir representações já ditas e pensadas,

quero, a partir delas e de outras, pensar em alargar as possibilidades de se enxergar masculinidades e feminilidades em corpos de atletas homens e mulheres.

Ao borrar as fronteiras de representações padronizadas gênero surgem atravessamentos possíveis de serem pensados, ditos e escritos sobre esse tema. O Site Terra proporciona essa possibilidade de múltiplas representações para diferentes modalidades, guardadas as especificidades de cada uma. Afinal, ele nos apresenta diferentes corpos de mulheres e homens, dando diferentes enfoques a eles. Se, por um lado, em uma seção de fotos somente a beleza da ex-miss paraguaia é valorizada, por outro, a judoca Ketleyn Quadros é lembrada por sua medalha olímpica inédita para o Brasil com inúmeras imagens de suas lutas. Ambas são mulheres e em nenhum momento se suspeita disso, a diferença que existe é quanto a anunciar as atletas de maneira distintas: uma por ser bela, outra por ser boa atleta. Quem enxerga feminilidades apenas em ser bela e não em ser atleta, somos, em última análise, nós mesmos. Afinal, as imagens e textos fazem sentido em cada um de nós consoante nossas crenças e visões de mundo.

Corpos belos são colocados à mostra? Sim, de maneiras diferentes ambos são colocados em destaque e há diferenciações sobre o que se deve mostrar de cada corpo. A diferença aqui não é somente entre corpos de homens e mulheres, mas também sobre o que se deixa/pode ver em cada um desses corpos. Alguns atletas precisam tirar seus uniformes para sua beleza ser visibilizada (como illustrei os jogadores de vôlei de praia e os nadadores), outros basta entrarem em quadra/campo e seus corpos já estão a mostra pela própria vestimenta.

É fato que as mulheres ganharam visibilidade enquanto atletas e suas conquistas e faço aqui a opção de encarar a falta de graciosismo e beleza hegemônica de algumas mulheres atletas como possibilidades de se conceber feminilidades diferentes nos esportes. Mas também é preciso dizer que os essencialismos ainda

“precisam” aparecer em algum momento, para nos lembrar da história que nos foi contada por décadas sobre a participação de homens e mulheres atletas. Mulheres não são mais proibidas por lei de praticar esportes de lutas e coletivos como eram até o século passado (MOURAO, 1996), mas ainda possuem representação no Site pautadas nos mesmos argumentos que as excluía de determinadas modalidades naquelas épocas. Se a maternidade era motivo para não permitir que elas jogassem, hoje elas jogam, mas precisa ficar claro que podem jogar e ainda ser mães. Se as lutas as deixavam masculinizadas, hoje elas lutam, mas é interessante saber que quando tiram o quimono se tornam mulheres atraentes aos olhares masculinos. Não visibilizar que mulheres são atletas E mães ou que homens são fortes, parece que ainda é deixar de mostrar o natural, o naturalizado. Mas ao se tratar de gênero, são as representações que escapam à hegemonia de atleta olímpico que nos ajudam a pensar. São “protagonismos de ontem e de hoje que lutam pela visibilidade, pois desacomodam representações e abrem frestas para que outras histórias sejam narradas” (JAEGER, 2007, p.146).

O esporte e a mídia são campos generificados, além de refletir as hierarquizações de gênero são capazes de, através de suas representações, problematizar tais questões e seus entrelaçamentos possíveis. Despojados de uma representação permanente e fixa ampliamos as possibilidades de ser masculino e feminino no campo esportivo. O importante aqui é dar espaço as pluralidades de ser atleta contemporâneo, colando a seus corpos, atributos ora tidos como masculinos, mas que as próprias exigências técnicas e físicas do esporte já desacomodaram, propondo novas “combinações” para as seqüências lógicas naturalizadas expostas nas expressões: mulher-feminina e homem-masculino.

Não quero com isso fazer o caminho inverso e simplesmente passar a ligar, por exemplo, força às mulheres ou à feminilidade. Esse procedimento parece dar continuidade ao pensamento binário. Quero pensar que força é um atributo inerente

aos atletas olímpicos, sejam homens ou mulheres e assim, passar a enxergar a força como um atributo que ultrapassa as divisões entre o masculino e o feminino. De igual modo o choro: o Site retratou inúmeras vezes homens e mulheres chorando. O homem atleta que chora é tratado de forma diferente do homem que chora em outros espaços sociais. Por essas e outras representações o esporte borra as fronteiras de gênero comumente identificadas em diferentes locais nos quais circulam homens e mulheres.

Enxergo, então, o esporte como um importante meio de propagação de representações de masculinidade e feminilidade. Porém, penso que no campo esportivo algumas práticas e características passam a ser permitidas sem que com isso se coloque em suspeição a identidade de gênero de um dado homem ou uma dada mulher atleta. À mulher é permitido ser forte se atleta, mesmo que ainda hoje algumas representações enalteçam as musculaturas comedidas como belas. O esporte figura como uma das inúmeras práticas sociais que vão contribuindo para a formação de um sem número possível de homens e mulheres, que constroem suas identidades fundamentadas em variáveis flutuantes como, além de gênero, classes, religiões, gerações, raças/etnias, etc. É necessário pensar, então, que os sujeitos não são apenas homens e mulheres de acordo com a anatomia de seus corpos.

A importância de se dar espaço a essa multiplicidade de representações também nos Jogos Olímpicos se justifica pelo importante papel social do atleta e do esporte contemporâneo, que ultrapassou, já há algumas décadas o âmbito apenas competitivo para alcançar funções que transcendem o cenário esportivo. As expectativas geradas em torno da prática esportiva levam a determinados padrões de comportamento que irão, de certa forma, influenciar, a conduta daqueles/las que escolheram o esporte como profissão ou lazer, influenciando, inclusive, crianças e jovens a optarem por aderir a uma determinada modalidade esportiva. Dar espaço à representações de gênero que desestabilizem as naturalizações é também dar espaço

para que meninos e meninas pratiquem e se dediquem diferentes modalidades sem que essa decisão se dê a partir de estigmas e preconceitos.

A movimentação entre as representações de gêneros possíveis não é estável, nem constante, nem absoluta. É um “jogo”, uma relação que não pára de se modificar e pode não ser igual em diferentes culturas. O que aponto nessa dissertação são possibilidades baseadas em um artefato midiático específico que também possui história e está inserido em uma dada cultura. As representações disputam espaço, visibilidade e geram pontos de tensão e resistência. Estando em disputa, mídia, gênero e esportes se entrelaçam num tabuleiro de peças que, numa cultura, determinam o aparecimento e o desaparecimento de representações, produzindo saberes, estratégias e práticas.

Sabendo da impossibilidade para esse momento de analisar em profundidade vários dos argumentos lançados aqui é que fiz a opção de “mapear” diversas representações possíveis de serem pensadas com base no material empírico pesquisado. Penso que, se muitas questões “ficaram no ar” é porque é necessário avançar nos estudos. A opção por olhar para tantas imagens e textos e, mais do que isso, relacioná-las entre si, foi um “jogo”. Por mais que existissem regras estabelecidas – que as indicações metodológicas me apontavam – ao longo da caminhada, aprendi novas jogadas, ampliei minha visão geral de jogo e, o resultado disso, é o que ora apresento.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Luiza Klein. *Esporte, imagem corporal e exploração da mídia*. In CD Anais Fórum Mulher & Esporte. Fórum Internacional de 16 a 18 de set. 2004. Mitos e verdade: um novo olhar sobre o novo milênio. Universidade de São Paulo. P. 93-97.

AOS PRANTOS, HYPÓLITO PEDE DESCULPAS AOS BRASILEIROS
[HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3103740-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3103740-EI10378,00.html).
Acesso em 17 de Ago. 2008 17 de Agosto de 2008, 07h47

APÓS BRONZE BRASILEIRAS VIRAM O BARCO E “VOLTAM” A SER MULHERES. Disponível em:
[HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3109809-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3109809-EI10378,00.html).
Acesso em 18 de Ago. 2008.

APÓS DERROTA, JUDOCA SE EMOCIONA E LEMBRA FAMÍLIA. Disponível em:
[HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3086355-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3086355-EI10378,00.html).
Acesso em 13 de Ago. 2008

BRASIL FICA SEM MEDALHA ENTRE AS MULHERES NA AREIA. Disponível em:
[HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3131979-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3131979-EI10378,00.html).
Acesso em 04 de set.2008

BRASILEIRAS DA VELA JÁ “APROVEITAM” MEDALHA OLÍMPICA. Disponível em:
[HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3129713-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3129713-EI10378,00.html).
Acesso em 04 de Set. 2008.

BRASILEIRO PASSA POR MARROQUINO NA ESTREIA DO BOXE Disponível em:
[HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3086773-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3086773-EI10378,00.html).
Acesso em 13 de Ago.2008.

CAMPEÃO, NADADOR ESPERA “CIELOMANIA”. Disponível em: <HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3113743-EI10378,00.html>. Acesso em 08 de Set. 2008.

CARRAVETTA, Elio Salvador. *O esporte olímpico: um novo paradigma de suas relações sociais e pedagógicas*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

CASTELS, Manuel. Inovação, liberdade e poder na era da informação. In: MORAES, Denis de (org). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 225-231.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982

COM CHORO E SEM MEDALHAS, GINASTAS DO BRASIL SE DESPEDEM DE PEQUIM. Disponível em: <HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3131951-EI10378,00.html>. Acesso em 04 de Set. 2008.

CORAZZA, Sandra Maria. Manual infame... mas útil, para escrever uma boa proposta de tese ou dissertação. In: BIANCHETTI, Lucídio, MACHADO, Ana Maria Netto (org.). *A bússula do escrever: desafios e estratégias na orientação e escritas de teses e dissertações*. 2ª. ed. – Florianópolis: Ed. da UFSC, São Paulo: Cortez, 2006, p. 355-370.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* – 2ª. Ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

DEVIDE, Fabiano Pries. *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos*. Ijuí: Ed, Unijuí, 2005.

EDINANCI VENCE E LUTARÁ PELO BRONZE EM PEQUIM. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3090455-EI10378,00-Edinanci+vence+e+lutara+pelo+bronze+em+Pequim.html> Acesso em 14 de ago. 2008

EMOCIONADO, MARCELINHO FALA QUE “SER VICE É MARAVILHOSO”. Disponível em: [HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3130937-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3130937-EI10378,00.html). Acesso em 04 de Set. 2008.

FIGUEIRA, Márcia L. M; . GOELLNER, Silvana V. e JAEGER, Angelita. *A Educação dos corpos, das sexualidades e dos gêneros no espaço da educação física escolar*. In: COSTA, Paula Regina et al. (Org.). *Educação e sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceito, homofobia* Rio Grande: Editora da FURG, 2008,p. 67-75.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Porto Alegre, 1996, Tese, (Doutorado em Educação) – UFRGS. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 1996.

_____. *Mídia e produção do sujeito: o privado em praça pública*. In: GALLI, Tânia Mara, FRANCISCO, Deise Juliana (org). *Formas de ser e habitar na contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000

_____. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. – 2ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. – 6ª. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2005

_____. *A Ordem do Discurso*. 16ª. edição. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

GIROUX, Henry e McLaren, Peter L. *Por uma pedagogia crítica da representação*. In: SILVA, Tomas Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (org). *Territórios contestados – O currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis:Vozes, 1995.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Física* – Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

_____. *Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura fitness*. Texto apresentado em mesa-redonda do Seminário: Feminismos: epistemologias e história, realizado em novembro de 2006, na Faculdade de Educação/UFRGS.

_____. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Revista Movimento/Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física*. Vol. 13, n. 2; maio/agosto 2007. p. 171-196.

_____. Mulheres, Memórias E Histórias: Reflexões Sobre O Fazer Historiográfico *In: GOELLNER, S. e JAEGER A. (Orgs.) Garimpando Memórias*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GOMES, Paula Botelho. *Corpo, desporto, mulheres e media: Sub-representação e sobreexposição*. In CD Anais Fórum Mulher & Esporte. Fórum Internacional de 16 a 18 de set. 2004. Mitos e verdade: um novo olhar sobre o novo milênio. Universidade de São Paulo. P. 109-116.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades. Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo, volume 4, n. 11, p. 11-25 Nov. 2007. Escola Superior de Propaganda e Marketing.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro – 2ª. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

JADEL DIZ QUE TEM LENHA PARA QUEIMAR. Disponível em: [HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3122774-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3122774-EI10378,00.html). Acesso em 05 de Set. 2008.

JAEGER, Angelita Alice. *Quando o músculo entra em cena: fragmentos históricos da potencialização muscular feminina*. In: *Garimpando Memórias: esporte, lazer e dança*. Org: GOELLNER, Silvana Vilodre; JAEGER, Angelita Alice. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 133-148.

KELLNER, Douglas. *Cultura da mídia e triunfo do espetáculo*. In: MORAES, Denis de (org). Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 119-148.

LANCELLOTTI, Sílvio. *Olimpíadas 100 anos: História Completa dos Jogos*. São Paulo: Círculo do Livro/Nova Cultural, 1996

LE BRETON, David. *A Sociologia do corpo*. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Por que estudar gênero na era dos *cyborgs*? In: GALLI, Tânia Mara, FRANCISCO, Deise Juliana (org). *Formas de ser e habitar na contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUIKIN RESGATA A BELEZA DOS MOVIMENTOS DA GINÁSTICA. Disponível em: <HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3116325-EI10378,00.html>. Acesso em 20 de Ago. 2008.

MAURREN GUARDA PAREDE EM CASA NOVA PARA OURO Disponível em: <HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3126576-EI10378,00.html>. Acesso em 05 de set.2008.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Educação em saúde e prescrição de “formas de ser e habitar”: uma relação a ser ressignificada na contemporaneidade. In: GALLI, Tânia Mara, FRANCISCO, Deise Juliana (org). *Formas de ser e habitar na contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000

_____. *Identidades traduzidas – cultura e docência teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: Sinodal, 2000b.

_____. *Teorias e políticas de Gênero: Fragmentos históricos e desafios atuais*. Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília, jan-fev de 2004.

MIELNICZUK, Luciana. *Considerações sobre interatividade no contexto das novas mídias*. In: André Lemos; Marcos Palacios. (Org.). *Janelas do ciberespaço*. Porto Alegre: Sulina, 2001

“MINHA FILHA QUERIA PRATA”, BRINCA MAURREN. Disponível em: [HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3125133-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3125133-EI10378,00.html). Acesso em 05 de set.2008

MOREIRA, Lisandra Espíndula, NARDI, Henrique Caetano. *Mãe é tudo igual?Enunciados produzindo o(s) modo(s) de ser mãe*. Anais Fazendo Gênero 8, 2008.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. *As narrativas sobre o futebol feminino*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v. 26, n. 2, jan.2005, P. 73-83

MOURAO, Ludmila; SOUZA, Gabriela C. de. *Narrativas sobre o Sul-Americano de Judô de 1979: a legalização do judô feminino no Brasil*. In: GOELLNER, S. e JAEGER A. (Orgs.) *Garimpendo Memórias*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

MULHERES TORNAM CHINA POTÊNCIA NA PRAIA. Disponível em: [HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3114037-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3114037-EI10378,00.html). Acesso em 08 de set. 2008.

MUSA DO ATLETISMO, ISINBAYEVA QUER SER “ATRIZ”. Disponível em: [HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3122800-EI10378,00.html](http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3122800-EI10378,00.html). Acesso em 05 de Set. 2008.

NICOLINI, Henrique. *Olimpismo no Brasil: medalhas e classificações*. São Paulo: Phorte, 2008.

PALACIOS, Marcos, LEMOS, André (org). *Janelas do cyberespaço*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

ROMERO, Elaine. *A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo*. In CD Anais Fórum Mulher & Esporte. Fórum Internacional de 16 a 18 de set. 2004. Mitos e verdade: um novo olhar sobre o novo milênio. Universidade de São Paulo. P. 103-109.

ROMERO, Elaine. *E agora, vão fotografar o quê? As mulheres no esporte de alto rendimento e a mídia esportiva*. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys8/perspectivas/elaine.htm>, Acesso em 29 de mai. 2007.

RONALDINHO CHORA E PASSA A NOITE SEM DORMIR. Disponível em: <HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3115559-EI10378,00.html>. Acesso em 20 de Ago. 2008.

ROSE, Gillian. *Visual Methodologies – a introduction to the visual interpretation of visual materials*. London: Sage Publications, 2007

SANTOS, Cláudia Amaral dos. *Maternidades, paternidades e infâncias na mídia impressa contemporânea*. Anais Fazendo Gênero 2008.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. A Biologia tem uma história que não é natural. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* – 2ª. Ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

SCHENGBER, Maria Simone. *A educação da mãe esportiva nas páginas da Pais & Filhos* Anais Fazendo Gênero 8, 2008.

SILVA, Ana Cristina Teodoro da. *As imagens da imprensa como pedagogias de gênero*. Anais Fazendo Gênero 8, 2008.

SILVA. Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade. Uma introdução às teorias do currículo*. – 2ª ed. , 10ª reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOUZA SANTOS, Boaventura. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 7ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SUPERATLETAS ENTRAM EM AÇÃO JUNTOS E MOSTRAM ABISMO. Disponível em: <HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3102024-EI10378,00.html>. Acesso em 08 de set. 2008.

TRINDADE, Roberta Carolina Valle da; COSTA, Lamartine Pereira da. *Experiências de vida de jogadoras de vôlei de praia sobre suas carreiras e a maternidade*. In CD Anais Fórum Mulher & Esporte. Fórum Internacional de 16 a 18 de set. 2004. Mitos e verdade: um novo olhar sobre o novo milênio. Universidade de São Paulo. P. 144-152.

VARA SOME, FABIANA MURER CHORA E DESABAFA. Disponível em: <HTTP://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3107821-EI10378,00.html>. Acesso em 18 de Ago. 2008

APÊNDICE A – Catalogação de dados Site Terra